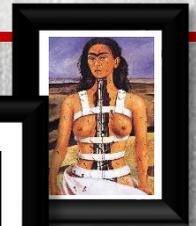




Andrea Santos Alves

Alda Maria Coimbra Aguilar Maciel

LETRAMENTO VISUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: Práticas Inovadoras para o Ensino e Aprendizagem de Arte



Rio de Janeiro, 2020

LETRAMENTO VISUAL
NA EDUCAÇÃO BÁSICA:

Práticas Inovadoras para o
Ensino e Aprendizagem de Arte

Andrea Santos Alves

Alda Maria Coimbra Aguilar Maciel

LETRAMENTO VISUAL
NA EDUCAÇÃO BÁSICA:
Práticas Inovadoras para o
Ensino e Aprendizagem de Arte

1ª Edição



Rio de Janeiro, 2020

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

A474 Alves, Andrea Santos

Letramento visual na educação básica: práticas inovadoras para o ensino e aprendizagem de arte / Andrea Santos Alves; Alda Maria Coimbra Aguilar Maciel. 1. ed. – Rio de Janeiro: Imperial Editora, 2020.

74 f.

Bibliografia: f. 64 - 69.

ISBN: 978-65-5930-079-2.

1. Arte – Estudo e ensino. 2. Leitura de imagens. 3. Letramento visual. 4. Semiótica e arte. I. Maciel, Alda Maria Coimbra Aguilar. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 700

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves - CRB7: 5692

RESUMO

Esse trabalho apresenta o curso de extensão “O letramento visual na Educação Básica: Práticas inovadoras para o ensino e aprendizagem de Arte” que é o produto educacional resultante da pesquisa “O desenvolvimento do Letramento Visual no processo ensino-aprendizagem de Arte na Educação Básica: uma contribuição para a formação docente continuada”, desenvolvida para o Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II. Este material traz informações relacionadas à estruturação do curso: organização das atividades propostas nos encontros presenciais e no ambiente virtual, exemplos dos materiais utilizados, descrição das atividades de leitura de imagens e letramento visual, além do referencial teórico da Gramática do Design Visual. Para realização das atividades de leitura propostas no “laboratório de análise imagens”, promovido nesse minicurso, foi selecionada a metafunção Interativa da GVD para fundamentar a análise semântica e formal de pinturas de retratos realistas de diferentes épocas e estilos. Com o auxílio desse aporte teórico poderão ser analisadas as relações de interação promovidas entre os diferentes participantes do processo comunicativo mediado pelas imagens: Participantes interativos (artistas e espectadores) e participantes representados numa composição imagética. O objetivo do curso foi oferecer formação continuada em letramento visual e leitura de imagens para professore(a)s de Artes Visuais e docentes que atuem na área de Linguagens e Códigos, visando a auxiliá-los na promoção de práticas desse tipo de letramento na Educação Básica.

Palavras-chave: : Leitura de Imagens. Letramento Visual. Semiótica Social. Gramática do Design Visual. Educação Básica.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	7
2 Referencial Teórico	11
2.1 O Letramento Visual no ensino da Arte da Educação Básica	11
2.2 A Gramática do Design Visual na Leitura de Imagens	13
2.2.1 A metafunção Representacional	17
2.2.2 A metafunção Composicional	18
2.2.3 A metafunção Interativa	21
3 O curso de Extensão - Descrição das Atividades	25
3.1 Encontro Presencial 1 – Leitura de Imagens (4h).....	27
3.2 Encontro Presencial 2 – Leitura de Imagens e Letramento Visual (4h) ...	33
3.3 Encontro Presencial 3 – Gramática do Design Visual – Metafunção Interativa (4h)	39
3.3.1 Contato	41
3.3.2 Distância Social	45
3.3.3 Atitude – Ângulo e Perspectiva	49
3.3.4 Modalidade.....	54
3.4 Ambiente Virtual (8h)	57
4 Referências.....	64
5 Apêndice – Pinturas de retratos para serem utilizadas no curso	70

1 Introdução

Este material apresenta o curso de extensão “Letramento Visual na Educação Básica: Práticas Inovadoras para o ensino-aprendizagem de Arte”, que é o produto educacional e parte integrante da Dissertação de Mestrado intitulada “O Desenvolvimento do letramento visual no processo ensino-aprendizagem de Arte na Educação Básica: uma contribuição para a formação docente continuada”, resultado da pesquisa vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica, ligado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II.

Ele foi desenvolvido com objetivo de auxiliar o(a)s professor(a)s de Arte na promoção de práticas de letramento visual nesse segmento de ensino, visando a atender as demandas sociais que exigem, cada vez mais, que docentes e discentes desenvolvam a habilidade de ler as imagens que nos rodeiam a todo momento e em todos os lugares.

Em virtude disso, o que estamos propondo neste produto educacional, é um curso de formação continuada para o(a)s licenciando(a)s em Artes Visuais, Desenho e em Educação Artística, e professor(a)s que atuam na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, nas redes públicas e privadas da Educação Básica.

Vamos abordar nesse minicurso, o letramento visual, ressaltando a importância da leitura da imagem, analisando os recursos compositivos utilizados por artistas visuais, para criar imagens e os possíveis significados por eles gerados, pela utilização de diferentes artifícios de composição, como posicionamentos, cores, ênfases, tamanhos, enquadramentos, entre outros, na criação de uma pintura e demais composições imagéticas.

No ensino orientado para o processo do letramento visual, o professor deve buscar mediar ações pedagógicas que venham capacitar os estudantes para compreender o significado das imagens da linguagem visual e a interagir com essas imagens, criando relações com o seu próprio dia a dia.

Para estar de acordo com essa concepção, é importante que o trabalho em sala de aula seja organizado pelo professor, privilegiando a reflexão dos alunos sobre a intencionalidade comunicativa, expressiva e até mesmo persuasiva das imagens. No ensino das Artes Visuais, podemos trabalhar com imagens de diversas temáticas e gêneros, e cabe ao docente escolher os objetos artísticos que despertem maior interesse dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Nesta proposta, escolhemos trabalhar com reproduções de pinturas de retratos, por serem objetos artísticos, muito presentes no conteúdo de Arte. As reproduções de pinturas são frequentemente utilizadas como ilustração em livros didáticos de muitas disciplinas, pela sua característica de documento histórico. O caráter informativo e a variedade de produções imagéticas de diferentes épocas, ajudam na tarefa de trazer para sala de aula, realidades e contextos históricos diversos, que podem ser utilizados para promover discussões, reflexões e relações com outras imagens presentes no cotidiano do aluno. Vale acrescentar que o referencial teórico apresentado nesta pesquisa também pode ser utilizado para auxiliar no processo de análise de outros tipos de imagens. Mais familiarizado com

asse referencial, o(a) professor(a) poderá fazer as escolhas das imagens que achar mais condizentes com o conteúdo que está tratando em suas turmas.

Existem pinturas criadas por artistas em variados suportes, estilos, gêneros e épocas. Todas têm em comum, a possibilidade de funcionarem como um meio de interação entre os elementos retratados na obra, o pintor (produtor da imagem) e o observador (fruidor) da obra.

Para fundamentar o trabalho docente com a leitura de imagens, adotamos como aporte teórico, a Semiótica Social de Kress (2010) e a Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (2006) para orientar os procedimentos utilizados em ações de letramento visual.

Diante da complexidade desse referencial teórico e do formato escolhido para o curso, foi selecionada apenas umas das metafunções, a Interativa, da Gramática do Design Visual (GDV), para dar suporte às análises semânticas dos arranjos formais presentes nas pinturas de retratos analisadas neste trabalho. A metafunção Interativa foi considerada a mais adequada para a verificação das relações entre participantes interativos e participantes representados nas composições imagéticas.

A teoria da multimodalidade está intimamente ligada com o nosso trabalho, apesar de termos escolhido como recorte desta pesquisa, analisar somente retratos pintados. De acordo com a perspectiva de Jewitt (2012), que aponta quatro suportes teóricos nos quais se assentam a abordagem multimodal, podemos destacar a sua primeira suposição básica, a afirmação que não somente a linguagem escrita ou falada produz significados. Uma série de modos significativos como gestos, postura, olhar, imagem, entre outros, podem produzir, distribuir e reproduzir uma série de modos representativos e comunicacionais.

Este curso tem um viés prático e está organizado para que os participantes trabalhem na execução de atividades realizadas no nosso “laboratório de análise de imagens”. Dessa forma, os professores, além da oportunidade de terem acesso ao referencial teórico desta pesquisa, podem aproveitar o ensejo para discutir e trocar com os pares, sobre os métodos que utilizam ou não nas atividades de leitura de imagens que promovem.

Optamos por oficinas práticas embasadas pela teoria, ao invés de uma apresentação densa do aporte teórico. Assim, em todas as aulas organizamos atividades de análise de imagens realizadas em grupo e exposições dialogadas sobre a teoria.

Neste curso valorizamos os conhecimentos que o(a) professor(a) já possui, e trazemos à discussão a possibilidade repensar seus próprios métodos e agregar valor ao trabalho já realizado. A proposta é começar, cada um dos encontros, com uma das atividades práticas e, paulatinamente, introduzir a fundamentação teórica para embasá-las. As atividades realizadas durante o curso poderão ser reproduzidas e adaptadas pelo(a)s professo(a)s para serem utilizadas na sua própria sala de aula.

Nossa pretensão é oferecer novos cursos enfocando as demais categorias como continuação deste produto educacional. Assim, as demais metafunções, categorias e

subcategorias sistematizadas por Kress e van Leeuwen (2006) poderão ser tratadas em outros minicurso como derivação desta pesquisa.

Portanto, nosso produto educacional consiste num curso de extensão presencial híbrido (*blended learning*), de 20 horas, organizado em 12 horas presenciais (3 encontros de 4 horas presenciais semanais) e 8 horas a distância na plataforma Moodle.

O produto foi concebido, inicialmente, com dupla função: a primeira foi servir como um estudo de caso, segundo Yin (2005), para escutarmos os professores e colher dados sobre sua formação. Buscamos, neste curso, compreender como os professores de Arte constroem suas práticas para a leitura de imagens e desenvolvem suas percepções em relação ao letramento visual a partir da sua participação no minicurso proposto. A segunda função foi auxiliar na formatação final deste produto acadêmico, testando a eficiência das atividades propostas. O formato do curso, ainda nos trouxe a possibilidade de agregar as colaborações e críticas trazidas pelos próprios cursistas e as experiências adquiridas por nós com essa vivência. O curso foi promovido em 3 encontros presenciais (um por semana) realizados na sala 206 do PROPGPEC, no Colégio Pedro II, campus São Cristóvão, na parte da tarde (das 13:00h às 17:00h), no final de outubro e início de novembro de 2019 e no ambiente virtual até o final do mês de novembro. Destinou-se ao mesmo público alvo para o qual elaboramos este produto acadêmico.

Este curso se justifica porque consideramos ser de extrema importância, discutirmos com os professores de Arte, sobre a necessidade de se tratar em suas aulas, com maior ênfase o letramento visual, que não tem sido muito valorizado na Educação Básica. Para tanto, promovemos rodas de conversa, debates e oficinas de leitura imagens.

Seguindo esta perspectiva, nosso curso foi organizado de forma que pudéssemos discutir e refletir, embasados nos pressupostos teóricos da Semiótica Social de Kress (2010) e da Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (2006), sobre como preparar atividades que possam auxiliar na leitura de imagens e em ações de letramento visual nas aulas de Arte da Educação Básica.

Segundo Pellegrini e Fevorini (2001), no processo de letramento, desenvolvemos a capacidade de aprendermos por meio da leitura a selecionar, entre muitas informações, nossos próprios interesses.

Na linguagem visual, o processo comunicativo se realiza pela troca (envio e recebimento) de imagens. O letramento visual é a capacidade de construir significado a partir de imagens visuais. Envolve um conjunto de competências que permitem aos indivíduos analisar e interpretar as imagens que percebemos ao nosso redor, sejam elas imagens da TV, de vídeo games, pinturas, desenhos, ilustrações, propagandas, sinais de trânsito, entre outras.

Posto isso, o objetivo geral do curso é auxiliar os professores na promoção de práticas de leitura de imagens e textos multimodais, contribuindo para a criação de novas estratégias de ensino-aprendizagem, fundamentadas pela Semiótica Social e pela GDV.

Para isso, faz-se necessário pensar nos seguintes objetivos específicos:

- debater o papel do ensino da Arte na Educação Básica, no que tange às questões de Letramento Visual;
- compreender como as categorias da GDV podem auxiliar na promoção de atividades de leitura de imagens da Arte (pinturas bidimensionais figurativas, naturalistas/realistas) de diferentes estilos e contextos históricos;
- analisar a estrutura composicional e a temática das imagens, fundamentada pela GDV, nas oficinas de leitura promovidas no curso de extensão;
- promover práticas de ensino de leitura de imagens e de letramento visual fundamentadas pela Semiótica Social e pela GDV, para serem utilizadas nas aulas de Arte na Educação Básica.

Este material, que apresenta o produto educacional, está organizado da seguinte forma: após a apresentação do minicurso no primeiro capítulo, no capítulo dois, introduziremos o referencial teórico, que dá suporte às atividades de leituras de imagens e letramento visual.

No terceiro capítulo será descrito o planejamento das atividades do curso, e no detalhamento dessas atividades, serão expostos exemplos e fundamentos sobre a Metafunção Interativa da GDV, para auxiliar a organização e execução das práticas pedagógicas de interpretação dos objetos da linguagem visual.

2 Referencial Teórico

2.1 O Letramento Visual no ensino da Arte da Educação Básica

Um sujeito faz uso das práticas sociais de linguagem em diferentes contextos (familiar, escolar, religioso, midiático, trabalho), sejam eles valorizados ou não, locais ou globais, numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural. Um indivíduo em estado de letramento é aquele que obtém condições de decodificar um código linguístico, de conhecer uma linguagem e de se apropriar dela.

Letramento Visual é a versão para o português de *visual literacy*, que é definido por Wileman (1993, p.114) como a “capacidade de ‘ler’, interpretar e entender a informação apresentada em imagens pictóricas ou gráficas” e “também de transformá-la em imagens, gráficos ou formas que ajudem a comunicação.

Segundo Debes (1969 apud WELSH; WRIGHT, 2010, não paginado), o letramento visual pode ser compreendido como “um grupo de competências que permite que os seres humanos possam discriminar e interpretar ações, objetos e/ou símbolos visuais, naturais ou construídos, que eles encontram no meio ambiente”.

Barbosa e Araújo (2014) afirmam que esse tipo de letramento pode ser definido como a capacidade de interpretar imagens, bem como gerar imagens para comunicar ideias e conceitos.

Procópio e Souza (2009) ainda ressaltam os benefícios que o letramento visual proporciona aos professores e alunos, pois os letrados visuais são capazes de entender e produzir mensagens visuais. Logo, práticas pedagógicas envolvendo os conceitos do letramento visual auxiliam na leitura das imagens e promovem o desenvolvimento de habilidades que permitem a um indivíduo perceber, relacionar, organizar, construir sentido e expressar o que foi visto em uma imagem.

Contrariamente a isso, o que vemos com mais frequência nas aulas de Arte, ora são tarefas pouco criativas e repetitivas de cópia e de reprodução automatizada de imagens estereotipadas, ora são tarefas de “livre expressão” nas quais os alunos são estimulados a desenhar livremente sem a apresentação de um referencial teórico, artístico e cultural, falsamente justificado, pelo fato de “procurar não macular” o processo criativo dos alunos.

Nas aulas de Arte Visuais, atividades práticas de desenho, pintura e artesanato são aplicadas visando ao aprimoramento estético, manual e cultural dos alunos. Contudo, as atividades práticas de leitura de imagens costumam ser trabalhadas com menor frequência e sem a preocupação de serem teoricamente embasadas.

É curiosa a contradição entre os processos de letramento verbal e visual; no primeiro é, recorrente o incentivo à leitura de diferentes tipos de texto e obras consagradas enquanto no segundo tipo de letramento, nas aulas de Arte, alguns professores ainda afirmam que o estímulo a leituras de obras de Artes Visuais poderia influenciar negativamente o processo criativo das crianças. Ainda carregamos, nas aulas de Arte da Educação Básica, influências das tendências metodológicas tradicional e escolanovista que propunham práticas educativas nas aulas de Arte realizadas de acordo com essas tendências,

sem privilegiar o conhecimento teórico advindo da disciplina nem o desenvolvimento das habilidades reflexivas e críticas que a Arte pode proporcionar.

Outro ponto que deve nos levar a repensar nossa prática, é o fato de alguns alunos resistirem à adoção de embasamento teórico nas aulas de Arte. Também salientam sempre o lado lúdico da disciplina, atribuindo menor importância a essa área de conhecimento. Infelizmente, esse pensamento parece ser comum a toda a comunidade escolar. Cabe ao professor de Arte, portanto, quebrar esse paradigma.

Nas aulas de Arte Visuais, imagens de todos os estilos e gêneros devem ser trabalhadas pelos professores, e os alunos devem ser estimulados a compreender os significados das imagens da arte, da propaganda, dos jogos, das ruas, entre outras e serem capazes, ainda, de produzirem e se comunicarem através de imagens.

Segundo a Semiótica Social, os significados das linguagens (no nosso caso, da linguagem visual), são construídos nos grupos nos quais a linguagem circula e acontece. A compreensão dos significados trazidos pelas imagens vai ser influenciada pela conjuntura que estes indivíduos estão vivendo (pela influência dos eventos políticos, sociais e culturais dos quais o grupo compartilha) e pela grande mídia (TV e internet). Esses significados tendem a ser impostos pelos detentores do poder político e dos meios de circulação de informação. Dessa forma, cabe a nós, professores, auxiliar o desenvolvimento das habilidades críticas dos alunos para que possam construir seus próprios juízos de valor ou, minimamente, se tornarem conscientes do poder dessas influências.

Muitas informações nos chegam através de imagens, propagadas pelos recursos multimídia que hoje inundam nosso cotidiano e é necessário que os indivíduos saibam processar, analisar criticamente e compreender as informações transmitidas pelas imagens.

As imagens estão, desde sempre, presentes nas vidas das pessoas, atingem crianças, adultos, analfabetos e letrados, a todos sem distinção. Se a escola não tratar cuidadosamente do processo de alfabetização e letramento visual, as pessoas continuarão a absorver inconscientemente as informações transmitidas pelas imagens sem nenhum tratamento crítico e, possivelmente, continuarão oprimidas pelos ditames impostos pelos grupos dominantes.

Segundo van Leeuwen (2005), o significado potencial dos recursos semióticos está no uso que lhe foi usualmente atribuído no passado e num conjunto de recursos utilizados em composições com base em seus possíveis usos, que são atualizados de acordo com os contextos sociais nos quais são recorrentemente usados.

Para que os alunos sejam capazes de compreender os significados das imagens compartilhadas na sociedade e estejam preparados para refletir criticamente sobre eles, nas aulas de Artes da Educação Básica, é fundamental a adoção de práticas que viabilizem o letramento visual. Auxiliar os professores na promoção de atividades que desenvolvam esse tipo de letramento é a finalidade desse produto educacional.

Na próxima seção vamos falar da GDV, teoria que dá o embasamento às práticas de leitura de imagens promovidas no minicurso.

2.2 A Gramática do Design Visual na Leitura de Imagens

Bamford (2003) afirma que na linguagem visual existem inúmeras possibilidades de utilização de formas, cores e arranjos compositivos. Esses recursos compositivos aliados às convenções universais e culturais, resultam em incontáveis significados formados pela combinação da nossa visão com o nosso pensamento.

Kazmierczak (2001, p. 181) afirma que a linguagem visual é “um sistema de representação e significação que nos permite produzir e comunicar pensamentos e imagens sobre a realidade”. Porém, para ser letrado visualmente, o indivíduo deve ser capaz de analisar sintática e semanticamente uma imagem.

A análise sintática, segundo Bamford (2003), envolve o estudo da organização compositiva das partes que constituem uma imagem. A sintaxe de uma imagem pode ser considerada como a estrutura e a organização pictórica. Entretanto, não se limita apenas em analisar a composição gráfica das imagens (formas, linhas, cores, entre outras). Inclui também a verificação de itens como posicionamento da câmera, edição e justaposição, escolha do ponto de vista para retratar uma cena ou um personagem (por exemplo, o ângulo baixo fará com que alguém pareça mais imponente). Esses arranjos, escolhas e combinações podem ter outros impactos, como mudar sua simpatia em relação a um personagem representado numa imagem ou criar um clima de tensão numa pintura. Na composição de uma imagem, também pode se envolver a manipulação da proximidade e do posicionamento dos elementos (close-ups ou zoom).

Ainda de acordo com a autora, a análise semântica verifica a maneira como as imagens “se relacionam mais amplamente com as questões do mundo para ganhar significado” (BAMFORD, 2003, p. 4). A semântica geralmente está intimamente relacionada a Semiótica, que estuda o significado dos sistemas de signos. A semântica visual refere-se à maneira como as imagens ganham significado no processo cultural de comunicação, nos seguintes aspectos: através de sua forma e estrutura; de ideias culturalmente construídas que modelam os significados dos elementos compositivos e a interpretação das suas representações; as interações sociais com as imagens (participantes interativos e representados).

Para auxiliar o estudo do significado das imagens e dos textos multimodais, os trabalhos de Hodge e Kress (1988), sobre Semiótica Social, de Kress (2010) e de Kress e van Leeuwen (2006) sobre a Gramática do Design Visual têm servido como base teórica para a análise de textos visuais. No final do século XX, foram realizados estudos visando a apurar e compreender os princípios e as referências culturais dos recursos semióticos utilizados na composição de textos multimodais.

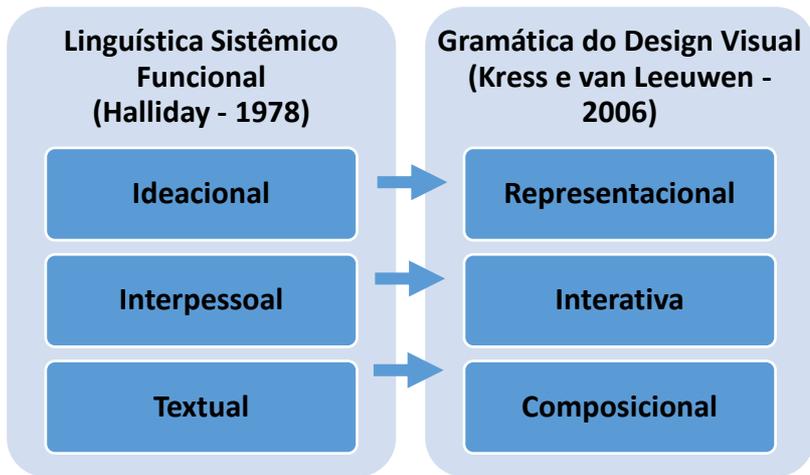
Segundo Halliday (1978), Hodge e Kress (1988), a Semiótica Social se preocupa com os criadores de significados e com os diferentes significados que podem ser produzidos conforme os contextos sociais nos quais vivemos. Bezemer e Jewitt (2009) ainda afirmam, que a Semiótica Social estuda as mídias e os modos de comunicação que os indivíduos utilizam para representar sua forma de ver o mundo e de moldar as relações de poder presentes na sociedade.

Utilizando os fundamentos da teoria sistêmico funcional de Halliday (1978) sobre a linguagem e a Semiótica Social, Kress e van Leeuwen (2006) elaboraram a uma proposta de análise “gramatical” da imagem, a Gramática do Design Visual, doravante GDV. Nos seus estudos, os teóricos procuraram reconhecer nas imagens, características e arranjos compositivos semelhantes, e sistematizaram essas regularidades compositivas, comumente utilizadas por artistas, visando a compreender de que forma os diferentes modos de representação visual são padronizados e acabam construindo significados socialmente reconhecidos.

A GDV fornece inventários das estruturas composicionais das imagens, convencionadas pela Semiótica Social e investiga como tais estruturas são utilizadas por artistas para produzir significados. Sugere um percurso para a apreciação crítica de textos imagéticos para auxiliar na interpretação de obras de artes visuais.

Para tanto, inspirados na classificação previamente feita por Halliday, agruparam as regularidades visuais encontradas nas composições imagéticas em categorias e subcategorias, sistematizando-as em três metafunções para a linguagem visual: a Representacional, a Interativa e a Composicional. A seguir, vemos dois quadros comparativos entre as funções propostas por Halliday para a Gramática Sistêmico Funcional (GSF) e as funções propostas por Kress e van Leeuwen para a Gramática do Design Visual (GDV):

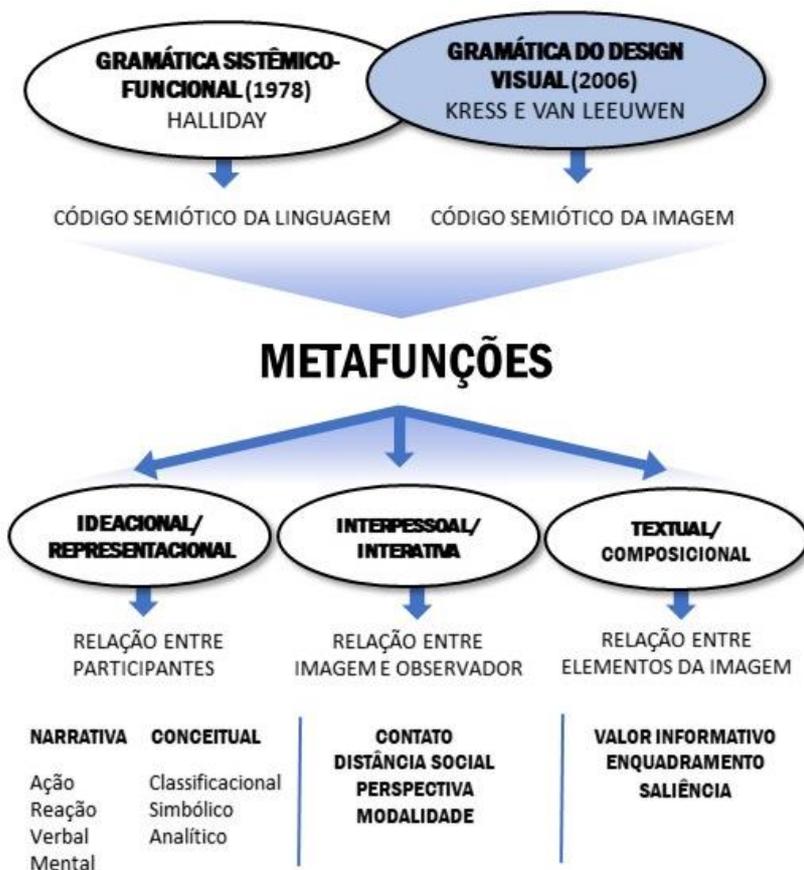
Figura 1 - Equivalência entre a Gramática Sistemico Funcional e a Gramática do Design Visual I



Fonte: Silva e Almeida (2018) (adaptado)

Na figura 1, estão relacionadas metafunções da GSF de Halliday (1978) que inspiraram a sistematização das metafunções da GDV de Kress e van Leeuwen (2006). Na figura 2, mais detalhes sobre as funções são apresentados de forma esquemática, e são apresentadas nessa mesma figura, as principais categorias da GDV.

Figura 2 - Equivalência entre a Gramática Sistêmico Funcional e a Gramática do Design Visual II



Fonte: Adaptado de Almeida (2006) por Fernandes (2009)(adaptado)

A estrutura proposta por Kress e van Leeuwen (2006) para o estudo das imagens leva em consideração as funções que a imagem exerce na comunicação. Essas três metafunções foram organizadas visando a auxiliar o exame dos arranjos compositivos retratados numa imagem.

Devido à complexidade do aporte teórico da Gramática do Design Visual, o formato e o tempo de duração do curso, apenas 20 horas, optamos por fazer uma breve apresentação das metafunções Representacional e Compositiva da GDV e utilizar nesse

minicurso, para análise das pinturas de retrato, apenas uma de suas metafunções: a Interativa. A partir desse momento vamos falar um pouco de cada uma delas.

2.2.1 A metafunção Representacional

Essa função trata das estruturas que são responsáveis pelas representações visuais que fazemos sobre o mundo no qual vivemos e temos nossas experiências e, ainda, dos fenômenos originados da nossa consciência. É comparada à metafunção Ideacional de Halliday (1994), que tem propósito semelhante, ao representar o que acontece quando o falante expressa sua experiência real ou seu mundo interior.

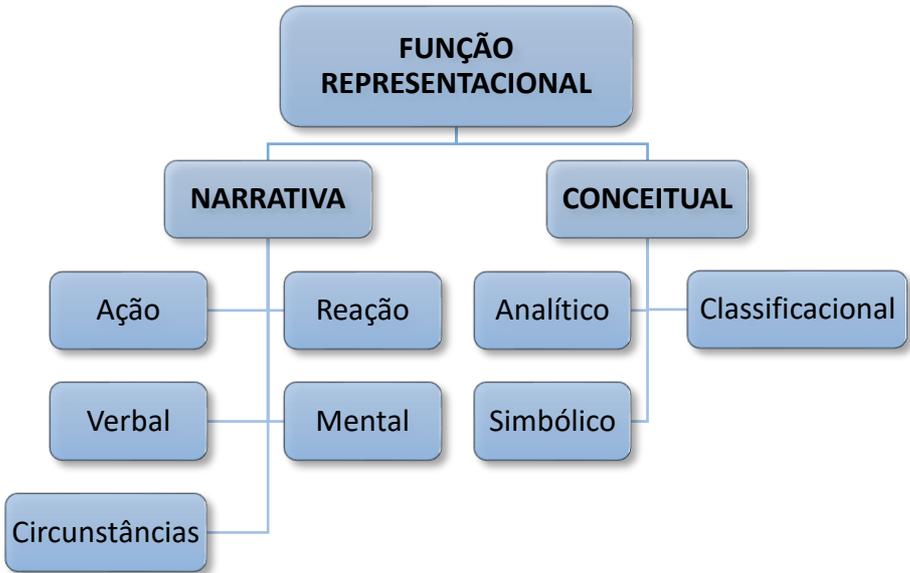
De acordo com a forma como os participantes interagem ou são retratados nas imagens, as representações imagéticas foram divididas por Kress e van Leeuwen (2006) em duas grandes categorias: Narrativas ou Conceituais.

As representações são narrativas quando é possível construir uma narração que descreva as ações dos participantes e os objetos envolvidos no arranjo compositivo. Nesse tipo de representação são demonstradas situações ou eventos que acontecem em determinados espaços e tempo, nos quais os participantes podem estar realizando ações ou aparecem envolvidos em alguma ocorrência.

As representações são conceituais quando os elementos representados na imagem aparecem de maneira mais geral, sem estarem envolvidos em ações; todavia, aparecem dispostos em categorias ou como componentes de algo que foi retratado na imagem.

A categorias e subcategorias da metafunção Representacional, organizadas por Kress e van Leeuwen (2006), são apresentadas no diagrama a seguir:

Figura 3 - Função Representacional – Recorte da Síntese das três metafunções de Kress e van Leeuwen (1996, 2006) baseada em Almeida (2009)



Fonte: Silva (2016, p.79) (adaptado)

2.2.2 A metafunção Composicional

A metafunção Composicional nos permite descrever como os elementos são organizados pelos produtores de imagem, numa composição imagética. Ela especifica como os artistas selecionam e retratam os atributos, as características, os posicionamentos e os enquadramentos dos elementos que constituem uma imagem. Descreve, ainda, como esses recursos compositivos e elementos se relacionam entre si e adquirem valores informativos específicos em um texto pictórico. Dessa forma, podemos observar como uma imagem não só retrata o mundo de forma realista ou abstrata, como também interage com esse mundo, conectando e produzindo sentido através da comunicação estabelecida pela imagem entre o artista e o espectador.

De acordo com Kress e van Leeuwen (2006), teóricos da GDV, a combinação dos elementos retratados numa imagem e o significado por eles transmitido, se realizam conforme descrito nas categorias da metafunção Composicional: (1) o valor da informação (a disposição de um elemento numa imagem, lhe confere valores particulares conforme o

seu posicionamento no suporte no qual é representado: tela, página de um livro, folha de uma revista, dentre outros); (2) enquadramento (presença ou ausência de elementos “molduras” que conectem ou isolem outros os elementos numa composição); e (3) saliência (recursos que atraem a atenção do observador para determinados pontos ou personagens na imagem – tamanho relativo, cor, contraste e posicionamento em primeiro plano ou segundo plano).

Na sequência, um quadro sintetizando as categorias e subcategorias da metafunção composicional.

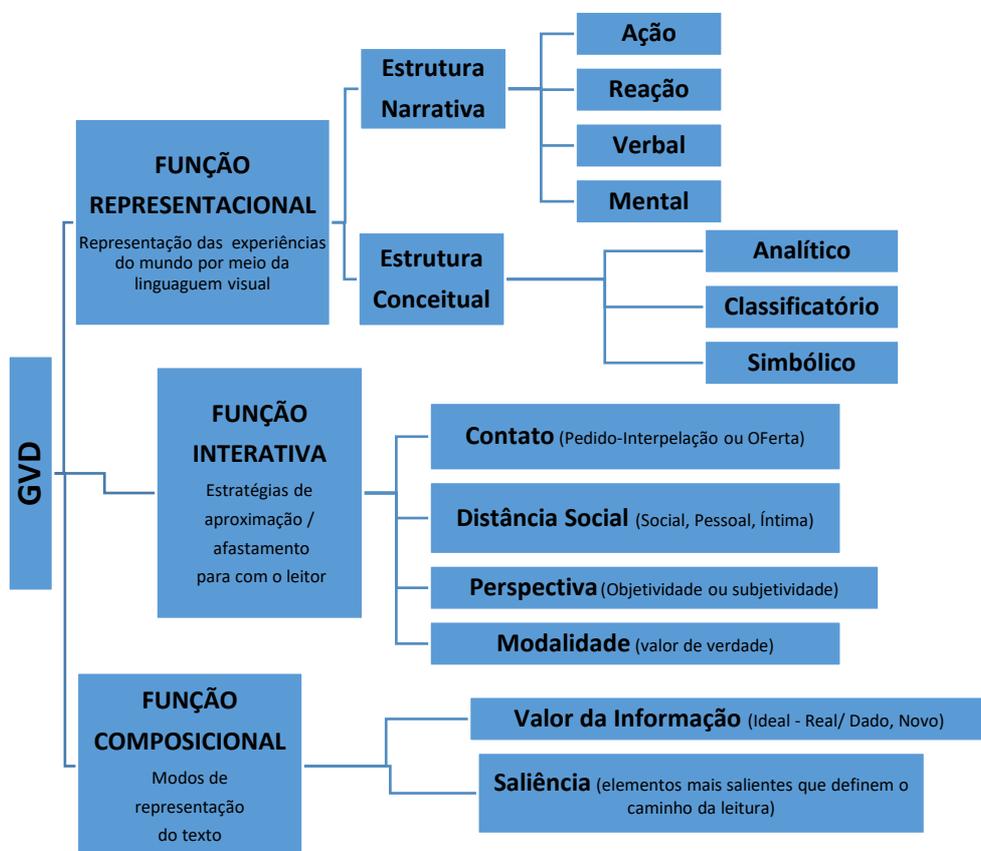
Figura 4 - Função Composicional – Recorte da Síntese das três metafunções de Kress e van Leeuwen (1996, 2006) com base em Almeida (2009)



Fonte: Silva (2016, p.79) (adaptado)

Antes de falar mais detalhadamente sobre a função Interativa, apresentamos na figura a seguir uma síntese das categorias e subcategorias das três metafunções da GDV:

Figura 5 - Adaptação da Síntese das três metafunções de Kress e van Leeuwen (1996, 2006) com base em Almeida (2009)



Fonte: Silva (2016, p.79) (adaptado)

Buscamos mostrar neste trabalho, como as categorias da GVD podem auxiliar na promoção de atividades de leitura de imagens da Arte (pinturas bidimensionais figurativas, naturalistas/realistas) de diferentes estilos e contextos históricos.

2.2.3 A metafunção Interativa

A metafunção Interativa, que apresentamos nesta seção, fundamenta as análises das pinturas de retrato desta pesquisa, como previamente mencionamos. O seu principal aspecto é tratar das interações que ocorrem entre os participantes representados (PR) numa imagem e os participantes interativos (PI) envolvidos tanto na produção quanto na apreciação de um texto pictórico.

Kress e van Leeuwen (2006) afirmam que os participantes interativos são, portanto, pessoas reais que produzem e compreendem as imagens no contexto das instituições sociais nas quais vivem, em diferentes graus e de diferentes maneiras. Tais pessoas regulam o que pode ser dito, como pode ser dito e como deveria ser compreendido. Destacam, ainda, que na comunicação visual são utilizados recursos compositivos que favorecem a estruturação e mantém interações entre os participantes representados, os produtores e os espectadores de uma imagem. Os teóricos da GDV declaram que essas relações envolvem dois tipos de partícipes: PR e PI. Os participantes representados (PR) são as pessoas, seres humanos ou objetos e/ou animais com características humanas, retratados na imagem. O segundo tipo, são os participantes interativos (PI), as pessoas que se comunicam, através da imagem, os seus produtores e espectadores.

Figura 6 - Tipos de Participantes



Fonte: Dorothy Circus Galery. Illusion by Ifarin Sajedi. 2016. (adaptado)

Em concordância com os teóricos da GDV, Jewitt e Oyama (2001) argumentam que as imagens, além de realizarem a interação entre os elementos que as compõem, também estabelecem relações entre quem as vê e quem as produz. Elas interagem com o observador, e sugerem qual atitude “os observadores devem ter em relação ao que é

representado nas imagens” (JEWITT E OYAMA, apud VAN LEEUWEN E JEWITT, 2001, p.145).

Os teóricos da GDV ainda afirmam que existem três tipos de relações entre esses participantes: (1) relações entre participantes representados; (2) relações entre participantes interativos e participantes representados (atitudes dos participantes interativos em relação ao participante representado); e (3) relações entre participantes interativos (coisas que os participantes interativos fazem um para outro através das imagens). (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 114).

Os artistas, ao produzirem suas obras de artes visuais, seguem convenções publicamente definidas que retratam situações do dia a dia, atitudes, crenças, valores e ideias compartilhadas na nossa sociedade, que absorvemos de forma inconsciente. Esses produtores de imagens são, portanto, participantes que interagem com outros participantes (os espectadores) através da imagem, atribuindo a ela, os significados estabelecidos socialmente.

Dessa forma, as imagens são portadoras de mensagens visuais e os participantes do processo comunicativo se apresentam de duas formas: como participantes em interação, que são os indivíduos reais que produzem e atribuem sentido às imagens (o artista e o leitor), no seu contexto social, e regulam o que pode ou não ser expresso através das imagens. O segundo tipo de participantes são os representados nas imagens, que interagem entre si e com os participantes interativos.

Técnicas de produção de imagens, como a fotografia ou o desenho esquemático podem estabelecer relações diretas entre o produtor da imagem e o seu espectador. Essas relações acontecem, por exemplo, quando estamos num grupo, tirando fotos um dos outros. Uma outra possibilidade é fazermos uma indicação para uma outra pessoa, desenhando um mapa ou um esquema para passar alguma informação.

Entretanto, existem outros tipos de imagens, como as que foram selecionadas para serem analisadas neste curso de extensão e que estamos apresentando aqui, as pinturas de retratos, nas quais não acontece um envolvimento direto entre os partícipes do processo comunicativo. O artista está ausente quando o apreciador visualiza a sua pintura, ou uma reprodução dela. A grande maioria dos admiradores de obras de arte consagradas nunca tiveram e nem poderiam ter tido contato com os pintores de outras épocas, como no período do Renascimento, do Romantismo, do Surrealismo, entre outros movimentos artísticos. Todavia, suas obras sobreviveram ao tempo e ainda mantêm interações com os seus apreciadores, a despeito de seus criadores.

A dimensão interativa das imagens é a retratação do que é usualmente chamado de "comunicação não verbal", uma "linguagem visual" compartilhada por produtores e espectadores. A disjunção entre o contexto de produção e o contexto de recepção das imagens tem outro efeito: faz com que as relações sociais sejam representadas e não vividas.

Uma imagem, seja uma foto, uma ilustração, um desenho, uma propaganda ou uma pintura, é apenas uma reprodução, um duplo do “autor real”, uma representação destacada do seu corpo real. O produtor da imagem pode ser representado sob o disfarce de um personagem, que pode ser uma outra pessoa, um animal ou um personagem com características humanas, uma personalidade real ou imaginária. A interação entre os participantes representados e interativos é reproduzida na imagem e quem se dirige aos leitores, no caso, é o participante retratado na imagem.

Na comunicação presencial, normalmente interagimos uns com os outros, sorrindo amistosamente, olhando de forma arrogante ou indiferente em algumas situações que nos desagradam, e essas reações não podem ser evitadas sem parecermos indelicados, hostis ou insolentes. Quando somos confrontados por um sorriso amigável ou um olhar arrogante numa pintura, reagimos a essa abordagem de forma inconsciente, mesmo reconhecendo que essa relação está apenas representada na imagem, o processo interativo ainda se realiza.

Sob a perspectiva da metafunção interativa, o processo de análise se concentra nas relações sociais, na interação do PR retratado na imagem com seu produtor/leitor (PI).

A função busca analisar como os personagens retratados na imagem se colocam para seu espectador – de forma imponente, convidativa, distante, superior, formal, pessoal, entre outras.

Dessa forma, o que entendemos dos significados sociais nas imagens, aqui no Ocidente, derivam da articulação visual dos significados em interação face a face, bem como das posições espaciais alocadas para diferentes tipos de atores sociais representados e em interação.

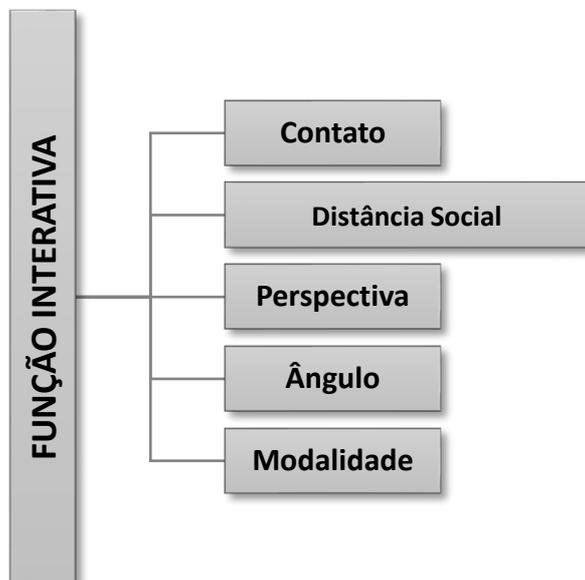
Para tanto, são considerados recursos de interação: (a) o olhar do participante representado (PR), direcionado ao leitor (PI) ou não; (b) A relação do enquadramento do corpo ou de partes do corpo e a distância do observador até o PR; (c) a atitude do PR e (d) o estilo e a forma como o artista produz a imagem (naturalista ou abstrata). A GDV determina também que devemos observar a forma de contato estabelecida entre os olhares dos participantes (demanda e oferta); como e a que distância, podemos ver alguma parte do corpo ou todo o corpo do PR e, finalmente, qual a atitude demonstrada pelo PR em relação ao PI.

No que tange às relações entre os participantes representados e os que interagem com as imagens, tais associações podem ser realizadas com o auxílio de diferentes recursos visuais nas representações pictóricas, tais como:

- (a) o contato entre os olhares do participante representado na imagem e o seu produtor/leitor - contato;
- (b) o posicionamento do PR ou de partes do corpo do PR retratadas em primeiro plano ou em plano geral (próximo ou distante do leitor) - distância social;
- (c) o ângulo formado entre o corpo do PR e o leitor no eixo vertical (atitude);
- e (d) o ângulo formado entre o corpo do PR e o leitor no eixo horizontal (poder).

Esses recursos visuais, convencionalmente utilizados por produtores de imagens, foram sistematizados em categorias e subcategorias da metafunção Interativa da GDV, por Kress e van Leeuwen (2006), como podemos ver na sequência:

Figura 7 - Função Interativa –Categorias - Recorte da Síntese das três metafunções de Kress e van Leeuwen (1996, 2006) baseada em Almeida (2009)



Fonte: Silva (2016, p.79) (adaptado)

Maior fundamentação sobre as categorias e as subcategorias da metafunção Interativa será apresentada juntamente como o detalhamento das atividades ministradas no curso de extensão. No próximo capítulo falaremos sobre o curso de extensão e a descrição de suas atividades.

3 O curso de Extensão - Descrição das Atividades

Este produto educacional, o Minicurso “Letramento Visual na Educação Básica: Práticas Inovadoras para o Ensino e Aprendizagem de Arte”, foi estruturado com a duração de 20 horas, distribuídas em duas partes complementares e interdependentes: 3 (três) encontros presenciais de 4 horas (12 horas) e 8 horas à distância (em EaD), realizadas através da Plataforma *Moodle*.

A plataforma *Moodle (Modular Object Oriented Distance Learning)* é um sistema de gerenciamento de cursos online, também chamado de ambiente virtual de aprendizagem (AVA), no qual os conteúdos de cursos são hospedados em servidores de internet e disponibilizados para realização de aulas virtuais. Este sistema vem sendo utilizado como plataforma de aprendizagem para Educação a Distância (EaD) e, no nosso curso, está servindo como apoio aos encontros presenciais e, ainda, está oferecendo, no ambiente *online*, atividades, material, bibliografia e uma área de interação como complementação aos encontros presenciais.

Com esta ferramenta, os alunos matriculados se mantêm conectados no curso de extensão, são ofertadas atividades (fóruns de discussão, exercícios, biblioteca virtual), é fornecido pelo professor/mediador *feedback* para os discentes, além de ser feito o acompanhamento do desempenho dos cursistas.

Na área da “Biblioteca”, da sala de aula virtual, estão disponibilizados os *slides* das aulas presenciais, as imagens para análise, links para sites, referências e bibliografia utilizadas no curso. Outra facilidade oferecida pela ferramenta é sua disponibilidade de ser acessada em diferentes dispositivos (computadores pessoais, *smartphones*, *tablets* etc.)

A seguir, maiores informações sobre a estrutura do curso:

Quadro 1 - Informações Básicas sobre o Curso de Extensão

INFORMAÇÕES BÁSICAS		
Nome do Curso:	Letramento Visual na Educação Básica: Práticas Inovadoras para o Ensino e Aprendizagem de Arte	
Professora:	Andrea Santos Alves	
Local:	PROPGPEC	
Inscrições:	Site do Colégio Pedro II – Cursos de Extensão	
Carga Horária:		
Presencial	a Distância	Total
12 h	8h	20h
Público Alvo:	Licenciandos em Artes Visuais e em Educação Artística e Professores que atuam no ensino de Arte e de Linguagens em escolas públicas e privadas da Educação Básica.	
Ementa:	Letramento Visual. Gramática do Design Visual. Arte. Educação Básica.	

Áreas de Conhecimento envolvidas:	Artes Visuais, História da Arte, Semiótica, Linguística Aplicada e Sociologia.
Objetivo Principal:	Possibilitar a promoção de práticas de leitura de imagens e textos multimodais nas aulas de Arte da Educação Básica por meio da utilização do aporte teórico da Semiótica Social e da Gramática do Design Visual (GDV) de Kress e van Leeuwen (2006).
Objetivos específicos:	<p>Discutir o papel do ensino da Arte na Educação Básica, no que tange às questões de Letramento Visual.</p> <p>Promover novas estratégias de ensino-aprendizagem com vistas ao Letramento Visual em aulas de Arte da Educação Básica.</p> <p>Analisar a estrutura composicional das pinturas de retratos naturalistas de diversos artistas, clássicos e contemporâneos, com a fundamentação da metafunção Interativa da Gramática do Design Visual.</p> <p>Promover a leitura retratos tendo em vista a relação entre participantes representados e interativos retratados nas imagens da arte.</p>
Metodologia:	Oficina de análise de imagens, aulas expositivas e dialogadas, debates, rodas de conversa e trabalhos em grupo.
Justificativa:	Apesar da vasta quantidade de imagens, com grande poder de influência, que é propagada diariamente pelas diferentes mídias, requerendo sujeitos letrados visualmente para dar conta da profusão do conteúdo imagético disponível, as aulas de Artes Visuais da Educação Básica não tem se dedicado ao estudo da imagem para suprir estas novas demandas sociais de forma exitosa. Para propiciar mudanças nesse cenário, pretende-se, neste curso, apresentar o referencial teórico da Gramática do Design Visual, principalmente a metafunção Interativa, para fundamentar a promoção de atividades de leitura e análise crítica de imagens em prol do letramento visual na Educação Básica.
Resultados esperados:	Auxiliar no desenvolvimento do estudo e da adoção de ações pedagógicas que promovam o letramento visual nas aulas de Arte da Educação Básica. -Favorecer a aplicação das categorias da Gramática do Design Visual nas atividades de leitura de imagens. -Promover a reflexão sobre a importância dos estudos de letramento visual na formação dos professores das áreas de Linguagens, códigos e suas tecnologias e no seu trabalho docente.

Critérios de Avaliação:	Frequência nos encontros presenciais. Frequência no acesso ao Ambiente de Aprendizagem (AVA). Realização satisfatória das tarefas previstas. Autoavaliação do cursista, considerando o percurso durante o curso.
Certificados:	Para alunos que atingirem o mínimo de 75% de frequência e aproveitamento igual ou superior ao mínimo definido no regimento do Colégio Pedro II nas atividades . Aproveitamento igual ou superior ao mínimo definido no regimento do Colégio Pedro II nas atividades (Apenas para atividades oferecidos 100% EAD).
Vagas oferecidas:	60 vagas
Período de Realização:	Aproximadamente 1 mês, considerando encontros presenciais e o ambiente virtual.
Periodicidade das aulas:	Semanal
Número de turmas:	A combinar
Horário:	A combinar

Fonte: A autora, 2020.

As aulas presenciais serão assim divididas:

3.1 Encontro Presencial 1 – Leitura de Imagens (4h)

Quadro 2 - Organização das Atividades nas aulas presenciais do Curso de Extensão (Aula 1)

Aula 1 – Presencial		
Data:	-	CH: 4 horas
Tempo	Etapa	Procedimentos
13:00 / 13:10	Recepção	Recepção dos cursistas e entrega de material utilizado na dinâmica de apresentação e na formação dos grupos da Atividade 1.
13:10 / 13:15	Agenda	Apresentação dos temas e atividades da aula.
13:15 / 13:55	Apresentação do Grupo Dinâmica de apresentação. “Encontre os seus pares”	Apresentação individual de cada cursista para o grupo. Nesse momento, cada participante do curso recorre ao material que recebeu e faz uma breve apresentação pessoal e conhece seus colegas de grupo da Atividade 1.
13:55 / 14:35	Atividade 1: Oficina de Leitura de imagens (grupo de 4 alunos)	Análise das reproduções de pinturas distribuídas no primeiro momento da aula e criação de roteiro de análise da imagem escolhida.

		Criação de roteiro para uma atividade prática de Leitura de Imagens voltada para alunos do Fundamental II ou do Ensino Médio.
14:35 / 14:55	Apresentação da Atividade 1:	Apresentação dos roteiros criados pelos grupos.
14:45 / 15:05	Intervalo	
15:05 / 15:15	Acesso ao ambiente virtual	Informações e explicações para acessar o ambiente online do curso.
15:15 / 16:15	Exposição dialogada: Leitura de Imagens: Abordagens e Tendências	Abordagens e tendências desenvolvidas por teóricos sobre métodos de Leitura de Imagens.
16:15 / 16:50	Arte e Cultura Visual Roda de Conversa: Linguagem Visual - Alfabetização e Letramento Visual	Debate sobre a importância da imagem na sociedade atual e o papel dos professores de Arte da Educação Básica, na formação sujeitos letrados visualmente. Alfabetização x Letramento Visual. Como trabalhar a Leitura de Imagem nas aulas de Arte?
16:50 / 17:00	Avaliação do encontro inicial e Fechamento.	
Recursos utilizados:	Datashow, notebook, smartphone com acesso à internet, lousa branca, caneta para quadro branco, reproduções de imagens da Arte (pinturas, desenhos ou ilustrações de retratos) para análise; Formulário para atividade roteiro de análise de imagens.	

Fonte: A autora, 2020.

Dinâmica de Apresentação “Encontre os seus pares”:

O primeiro momento do curso reserva-se à recepção dos cursistas que recebem, ao se acomodarem na sala, um envelope lacrado, que deve ser mantido fechado até que seja solicitada a sua abertura. Nesse primeiro momento é apresentada, ainda, a agenda do encontro, informando os temas da aula.

Os envelopes distribuídos fazem parte da dinâmica de apresentação dos cursistas, “Encontre os seus pares”. Dentro de cada envelope tem a reprodução, impressa e colorida, de uma pintura de retrato. Todos os alunos do curso recebem a imagem de um retrato pintado. São conjuntos de imagens diferentes, mas quatro cursistas recebem a mesma imagem, que foi distribuída aleatoriamente e, assim, constituem os grupos de trabalho que farão a primeira atividade de análise de imagem.

As imagens que estão nos envelopes são projetadas pelo Datashow. Assim que a primeira imagem é projetada, é solicitado que todos os alunos abram os seus envelopes. Os cursistas, que receberam o mesmo retrato que está projetado, são os primeiros a se apresentarem (falando o seu nome, a disciplina que dá aula, em qual rede trabalha, entre outras informações pessoais) e passam a constituir o primeiro grupo da atividade 1. A ordem das apresentações é definida pela ordem que as imagens são projetadas e os grupos, conseqüentemente, também são definidos. O tempo previsto para a recepção e apresentação é de aproximadamente 40 minutos.

Figura 8 - Imagens utilizadas na Dinâmica de Apresentação



- Fontes: 7A – ALMEIDA, B. Tagarela. 1893.
 7B – BAROLI, F. Onde os urubus tão. Série Muito pelo contrário. 2014.
 7C – OLIVEIRA, E. Rosa marrom. 2015
 7D – AMARAL, T. Segunda Classe. 1933.
 7E – BAROLI, F. [Sem título]. Série Vendeta. 2012.
 7F – BAROLI, F. *Selfie* de P... 2013.
 7G - BAROLI, F. Gênesis 3. Série Meu matuto predileto. 2014.

As imagens apresentadas foram utilizadas na dinâmica de apresentação e constituição dos grupos e essas mesmas imagens são analisadas na atividade 1. Cabe salientar que todas são retratos pintados.

Oficina 1: Atividade 1 de Leitura de imagens - Como você organiza sua atividade de leitura de imagens?

A proposta desta atividade é criar um roteiro de perguntas que auxilie os cursistas a “fazerem as perguntas necessárias a imagem”, conforme aponta Rossi (2009) para iniciar o seu processo de compreensão.

Sem mediar o processo de leitura, o aluno pode não ser instigado pela imagem, olhando-a então, de forma superficial, comprometendo o entendimento do seu significado. Um roteiro de leitura funciona como um guia que ajuda os docentes e os discentes a investigarem os diferentes aspectos da imagem. O roteiro auxilia a chamar a atenção para que alguns detalhes da imagem sejam percebidos durante o processo de leitura.

Rossi (2009) afirma que os termos a seguir caracterizam e podem ser confundidos com o processo de leitura de imagens: apreciação, fruição, percepção, recepção, acesso, apreensão, atribuição de sentido. Todas essas palavras são sinônimas de compreensão e advêm da interpretação. Demonstram a relação do leitor com a pintura, seja no museu ou nas reproduções apresentadas na sala de aula.

Os questionamentos feitos ao texto dependem das condições cognitivas e socioculturais de cada leitor. Quando lemos pinturas, as perguntas que fazemos sobre a imagem podem ser de ordem formal, sobre beleza, sobre a verdade. As questões são sempre relevantes, pois são relacionadas ao universo individual de cada leitor, de acordo com Rossi (2009, p.19), “não existe interpretação desconectada do mundo que se vive”.

O objetivo desta atividade, é buscar saber quais técnicas os professores utilizam para mediar as atividades de leitura de imagens, antes de apontar o referencial teórico da GDV para auxiliar o desenvolvimento das leituras. É sempre importante valorizar o conhecimento do professor/cursista, para apontar novos caminhos que possam enriquecer sua prática pedagógica.

Dessa forma, os cursistas devem criar um roteiro para mediar a leitura da imagem escolhida pelo grupo voltado para alunos do Fundamental II e Ensino Médio. Uma vez que os grupos concluem a atividade proposta, deverão apresentar o roteiro de leitura criado para os demais grupos.

A previsão para duração dessa atividade (execução e apresentação) é de aproximadamente uma hora e vinte minutos e sugerimos que seja realizada em grupos com quatro integrantes.

Para disponibilizar maior variedade para os professores escolherem qual imagem analisar, podem-se oferecer aos grupos mais algumas imagens de retratos, mas os participantes devem selecionar somente uma para a análise. No apêndice, indicamos mais algumas pinturas de retratos que podem ser utilizadas nas atividades do curso.

Exposição Dialogada sobre Leitura de Imagens

A proposta de trabalharmos a leitura de imagens nesse curso voltado para professores de Arte, se deve à expansão do conceito leitura na sociedade atual, que confronta o leitor com diferentes textos além do verbal. A expressão “floresta de signos” é usada por Santaella (2012) para salientar o turbilhão de imagens contemporâneas (e quase instantâneas), que disputam a atenção dos indivíduos e exigem que o leitor seja proficiente em outras modalidades de linguagem além da escrita, como a sonora, a gestual e a visual (particularmente na leitura de imagens).

Portanto, antes de adentrar na teoria, a exposição dialogada deve ressaltar a importância da leitura de imagens na sociedade atual, sem deixar de se destacarem as habilidades e competências propostas nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1997) e no componente curricular Arte na Base Nacional Comum Curricular (2017).

Segundo de Paula (2009), existem diferentes maneiras de se analisar uma imagem, mas nenhuma delas é autossuficiente, na verdade elas se complementam ou se combinam com a finalidade de originar uma interpretação mais completa. A autora confirma a importância da ação mediadora do professor na leitura da imagem. Entretanto, a análise não deve se restringir a respostas a um questionário. Para o desenvolvimento da educação estética e crítica, o docente deve orientar a leitura da imagem de forma que propicie ao leitor promover um diálogo entre o contexto cultural e a sua realidade.

No estudo de caso investigado nessa pesquisa, 69% dos professores afirmaram que promovem essa atividade de forma intuitiva. Eles relataram ainda, que fazem aos alunos perguntas sobre a imagem e, de acordo com as respostas e questionamentos que os próprios alunos fazem durante o processo de leitura, formulam novas perguntas e fazem a mediação da leitura. Um roteiro de leitura de imagens deve ser organizado de forma flexível, para que os questionamentos realizados pelos alunos possam ser acrescentados ao roteiro proposto e orientado pelo professor. Entretanto não é recomendável que sejam aplicados de forma somente intuitiva.

Teóricos sugerem diferentes abordagens e tendências para organizar o processo de leitura de imagens. Apresentamos algumas abordagens e tendências utilizadas para leitura e análise de imagens: Tendência Formalista, Tendência Estética, Abordagem Histórica, Abordagem Crítica, Abordagem Semiótica e Abordagem Semiótica Social.

Cada uma dessas tendências abordadas na exposição dialogada, propõe um método de análise de imagens sugerido pelos seus autores. Essa análise deve ser realizada de forma

processual, dividida em etapas ou estágios, visando a preparar o aluno para a atividade de leitura, fomentando o processo de letramento visual dos envolvidos nas atividades.

Sugerimos, assim, a apresentação de forma concisa, dos principais teóricos de cada tendência/abordagem anteriormente citadas: Formalistas - Arnheim (1980), Dondis (1983) e Ostrower (2013); Estética – Ott (1984) e Housen (1992); Histórica – Kellner (1995); Semiótica – Santaella e Nöth (2001); Semiótica Social - Hodge e Kress (1988)) e Kress e van Leeuwen (1996 e 2006) que desenvolveram trabalhos de análise de imagens.

Essas abordagens e tendências não são profundamente abordadas no curso, servem somente para indicar a existência de alguns aportes teóricos disponíveis para fundamentar as atividades de leitura de imagens e referenciar a criação de roteiros de perguntas para serem utilizados na mediação das práticas de leitura de imagens.

Roda de Conversa - Arte e cultura visual: Linguagem visual, Alfabetização e letramento visual

Nesta roda de conversa, vamos debater sobre a importância das imagens na sociedade atual e sobre a contribuição que os professores de Arte da Educação Básica podem oferecer na formação de indivíduos letrados visualmente. Assim, lançamos o questionamento: Como trabalhar a leitura de imagem nas aulas de Arte?

Para alimentar a discussão na roda de conversa foram separadas duas citações da arte/educadora Ana Mae Barbosa, retiradas do seu livro *Arte-Educação: leitura no subsolo* (2013, p. 33):

O ensino da arte no Brasil na escola primária e secundária se caracteriza pelo apego ao espontaneísmo, ou pela crença na existência de uma virgindade expressiva da criança e na ideia de que é preciso preservá-la, evitando o contato com a obra de arte de artistas, especialmente suas reproduções, acreditando que esta apreciação incentivava o desejo da cópia. (BARBOSA, 2013, p. 33)

A segunda citação, retirada de outra passagem da mesma página, a autora afirma:

As metodologias que orientaram o ensino da arte nos anos 80, denominadas ensino pós-moderno da arte nos Estados Unidos, ou ensino contemporâneo da arte na Inglaterra, consideram a arte não apenas como expressão, mas também como cultura, apontando para a necessidade da contextualização histórica e do aprendizado da gramática visual que alfabetize para a leitura da imagem. A arte passou a ser concebida nos projetos de ensino da arte nos anos oitenta como cognição, uma cognição que inclui a emoção e não unicamente a expressão emocional; a arte passou também a priorizar a elaboração e não apenas a originalidade. (BARBOSA, 2013, p. 33)

A partir dessas citações se lança ainda a seguinte pergunta: Como se caracteriza a sua prática diária como professor de Arte da Educação Básica? O que você faz mais habitualmente? Qual abordagem metodológica utiliza no seu trabalho?

3.2 Encontro Presencial 2 – Leitura de Imagens e Letramento Visual (4h)

Quadro 3 - Organização das Atividades nas aulas presenciais do Curso de Extensão (Aula 2)

Aula 2 – Presencial		
Data:	-	CH: 4 horas
Tempo	Etapa	Procedimentos
13:00 / 13:15	Recepção e Agenda	Apresentação dos temas e atividades da aula.
13:15 / 13:35	Atividade 2: Roteiro de Leitura de Imagens	Roteiro de leitura baseado no método de análise de Bamford e da Metafunção Interativa da GDV.
13:35 / 13:55	Apresentação da Atividade 2	
13:55 / 14:20	Letramento e Letramento Visual	Exposição dialogada sobre os conceitos de Letramento e Letramento Visual A influência das imagens na comunicação da atualidade e a importância da leitura e análise das imagens sob a perspectiva da Semiótica Social e da Gramática do Design Visual A Semiótica Social.
13:55 / 14:35	Atividade 3	Poema do Letramento
14:35 / 14:45	Apresentação da Atividade 3	
14:45 / 15:05	Intervalo	
15:05 / 15:45	Introdução a GDV	Exposição dialogada. Conceituação e apresentação breve apresentação das suas categorias (overview)
15: 45 / 16:05	Atividade 4	Identificação e categorização dos significados interativos
16: 05 / 16:25	Apresentação da Atividade 4	
16:25 / 16:45	Apresentação da Metafunção Interativa	Exposição dialogada. Apresentação de Exemplos das categorias e subcategorias da Metafunção Interativa da Gramática do Design Visual - Overview
16:45 / 17:00	Fechamento	
Recursos utilizados:	Datashow, notebook, caixa de som, smartphone com acesso à internet, lousa branca, caneta para quadro branco, reproduções de imagens da Arte (pinturas, desenhos ou ilustrações) para análise, formulário para atividade roteiro de análise de imagens, papel vegetal, canetas hidrocor, folhas brancas sulfite A4.	

Fonte: A autora, 2020.

Oficina 2 – Atividade 2 de Leitura de imagens com roteiro (Anne Bamford)

Esta atividade apresenta o método de análise de imagens para práticas de letramento visual proposto por Anne Bamford (2003). O modelo Bamford, trabalha o letramento visual baseando-se na análise sintaxe e semântica da imagem.

A análise sintática, segundo a autora, engloba a verificação de como os elementos pictóricos se organizam e se estruturam em uma composição imagética. Nesse tipo de análise, além da observação das linhas, cores e formas, também se leva em consideração a posição da qual o leitor observa o personagem retratado na imagem, o ângulo, o enquadramento dado ao personagem representado no espaço compositivo, dentre outros aspectos. Inclui nesse processo, a interação promovida entre participantes representados na imagem e os participantes interativos - o artista e o espectador.

A análise semântica faz referência à forma como as imagens estão envolvidas no processo cultural de comunicação. Considera a maneira como os significados das imagens são gerados e ainda como interagem nos meios sócio culturais nos quais circulam. Para esse tipo de análise, Bamford (2003) sugere uma série de perguntas que podem auxiliar os professores de Arte na realização de roteiros de leitura de conteúdos imagéticos. Nesse curso, como o enfoque é na metafunção Interativa da GDV, sugerimos as seguintes perguntas para auxiliar a verificação das relações entre os participantes envolvidos no processo comunicativo mediado pela imagem:

Quadro 4 - Exemplo de Roteiro de Leitura de Imagens segundo Bamford

Descreva e analise a imagem escolhida, com o auxílio das perguntas a seguir:	
IMAGEM	
Nome da Pintura:	
Pintor:	
Criada em:	
1. Quais são os participantes representados na imagem?	
2. O que eles estão fazendo?	
3. Os participantes representados na imagem interagem entre si? Estão olhando um para o outro?	

4. Em que direção ou para qual direção o personagem representado na imagem está olhando?
5. O(s) personagem(ns) dessa imagem interagem com você? Está ou estão olhando para você ou está (estão) olhando em outra direção?
6. De que ângulo o personagem representado na imagem está olhando para você? De frente? Enviado? Não está olhando para você. Está olhando para outro(s) personagem (ns) da imagem?
7. O olhar do personagem, seus gestos e/ou sua expressão facial parecem requerer algo de você, espectador? Você acha que o personagem da imagem consegue estabelecer uma conexão (interação) com você (espectador) através do olhar?
8. O personagem é somente objeto de contemplação do espectador(você), ele é o sujeito do seu olhar?
9. Em relação ao enquadramento: Que partes do corpo do personagem estão enquadradas na imagem? Plano fechado (cabeça e ombros)? Plano médio (cabeça até a cintura) ou americano (cabeça até acima dos joelhos) ou plano geral (figura representada da cabeça aos pés, com alguns elementos entorno também incluídos no enquadramento)?
10. De que ponto de vista, o participante representado na imagem parece olhar para você? De cima? De baixo? Está no mesmo nível dos seus olhos?
11. Na sua opinião, qual foi o possível intuito do produtor da imagem em retratar o personagem representado olhando, ou não, para o espectador?
12. A partir dessas informações levantadas na análise, faça um breve relato sobre o que você consegue perceber na imagem em relação ao olhar, gestual e postura do personagem. Na sua opinião, que tipo de relação o personagem representado na imagem parece estabelecer com você?

13. Você pode encontrar, em outra imagem das apresentadas, as mesmas características que você encontrou nessa imagem que acabou de analisar?

Fonte: A autora, 2020.

Cada grupo recebe quatro imagens e escolhe uma delas para fazer a leitura. A análise deve ser feita a partir do roteiro de perguntas apresentado. Sugerimos que esta atividade seja realizada em grupos com quatro integrantes. Considerando a execução e a apresentação, a atividade tem a duração de aproximadamente 45 minutos.

Letramento e Letramento Visual - O Poema do Letramento

Para trabalhar o conceito de letramento recorremos à definição proposta por Magda Soares (2010) que o considera como o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita. O estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.

Estendendo o conceito de letramento, tendo em vista as múltiplas linguagens, e o recorte realizado neste trabalho, o letramento visual, a sua definição, segundo Bamford (2003), envolve:

[...] o desenvolvimento do conjunto de habilidades necessárias para interpretar o conteúdo das imagens visuais, examinar o seu impacto social, discutir o seu objetivo, o seu público e a sua autoria. Inclui a capacidade de visualizar internamente, comunicar visualmente e ler e interpretar imagens visuais. (BAMFORD, 2003, p.1)

Assim, para discutirmos esse conceito, utilizamos uma adaptação feita por Soares (2010) de um poema escrito por uma estudante norte-americana, de origem asiática, Kate M. Chong (1996). Nessa atividade, propomos aos cursistas adaptarem e reescreverem o poema, utilizando referências ao letramento visual, para fazerem sua definição. Segue na sequência o poema que será trabalhado:

O QUE É LETRAMENTO? (Letramento definido num poema)

Letramento não é um gancho
em que se pendura cada enunciado,
não é treinamento repetitivo
de uma habilidade,
nem um martelo
quebrando blocos de gramática.

Letramento é diversão
é leitura à luz de vela
ou lá fora, à luz do sol.

São notícias sobre o presidente,
o tempo, os artistas da TV
e mesmo Mônica e Cebolinha
nos jornais de domingo

É uma receita de biscoito,
uma lista de compras, recados colados na
geladeira,
um bilhete de amor,

telegramas de parabéns e cartas
de velhos amigos.

É viajar para países desconhecidos,
sem deixar sua cama,
e rir e chorar
com personagens, heróis e grandes amigos.

É um atlas do mundo,
sinais de trânsito, caças ao tesouro,
manuais, instruções, guias,
e orientações em bulas de remédios,
para que você não fique perdido.

Letramento é, sobretudo, um mapa do
coração do homem,
um mapa de quem você é,
e de tudo que você pode ser.

(Kate M. Chong)

Atividade 4 - Identificação e categorização dos significados interativos

Após uma exposição dialogada sobre os princípios da GDV de Kress e van Leeuwen (2006), propomos uma atividade de identificação das relações de interação presentes nas imagens de retratos selecionados. Nessa atividade pedimos que os cursistas identifiquem os vetores formados pela linha do olhar, gestos e posturas dos participantes representados nas imagens. Pedimos que demarquem o ponto de vista ou ângulo do qual o participante representado parece olhar para o seu expectador e identifiquem, ainda, qual enquadramento utilizado pelo artista para retratar o personagem.

Esses detalhes devem ser analisados para que seja possível identificar quais processos de interação se desenvolvem entre os produtores de imagens, os personagens representados na composição imagética e os seus espectadores.

Neste curso, o nosso enfoque é na metafunção Interativa da GDV, que, como já vimos no capítulo 2, na seção 2.2.3, tem como principal aspecto, tratar das relações de interação que ocorrem entre os participantes representados (PR) numa imagem e os participantes interativos (PI), produtores e espectadores das imagens.

Veja a seguir como devem ser assinalados os tipos de interações existentes entre os participantes interativos e representados das imagens:

Figura 9 - Relações de interação entre os PI e PR nas imagens

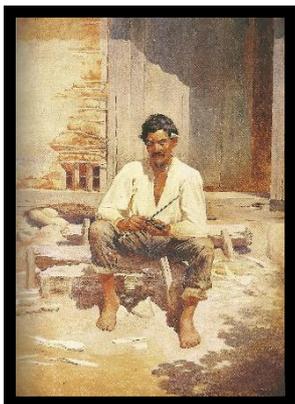


Figura 8A¹



Figura 8B²



Figura 8C³

	<p>Caipira picando fumo, Almeida Júnior, 1893. Características da Relação entre PI e PR</p> <ul style="list-style-type: none"> • Participante Interativo (PI) observa o Participante Representado (PR) de um ponto de vista superior, sugerindo superioridade. • PR não olha diretamente para o PI. • PR representado em plano geral, sendo possível o PI vê-lo de corpo inteiro e de forma impessoal.
--	---

Figura 8A

¹ Figura 8A - Fonte: ALMEIDA JÚNIOR, B. Caipira picando fumo. 1893.

² Figura 8B – Fonte: ALBUQUERQUE, L. Cabeça de homem. (1877-1939)

³ Figura 8C – Fonte: SAJEDI, I. Chef Offer. 2014.



Figura 8B

Cabeça de homem, Lucilio de Albuquerque, 1877-1839.
Características da relação entre PI e PR

- PR apresenta uma postura altiva.
- PI observa o PR de um ponto de vista inferior, sugerindo uma relação de inferioridade.
- PR olha diretamente para o PI.
- PR representado em primeiríssimo plano (cluse-up), sendo possível observar detalhes de seu rosto, reforçando o domínio do PR sobre PI.



Figura 8C

Chef Offer (Oferta do Chefe), Ifarin Sajedi, 2014.
Características da relação entre PI e PR

- PI observa o PR frontalmente, sugerindo uma relação de intimidade.
- PR olha diretamente para o PI.
- PR representado em primeiríssimo plano (cluse-up), sendo possível observar detalhes de seu rosto, reforçando a relação de intimidade entre PR e PI.

As mesmas imagens utilizadas pelos grupos na atividade 2 devem ser utilizadas para a identificação das relações de interação entre PI e PR. O Tempo de execução e apresentação da atividade para os demais grupos é de aproximadamente 25 minutos.

3.3 Encontro Presencial 3 – Gramática do Design Visual – Metafunção Interativa (4h)

Quadro 5 - Organização das Atividades nas aulas presenciais do Curso de Extensão (Aula 3)

Aula 3 – Presencial		
Data:	-	CH: 4h
Tempo	Etapa	Procedimentos
13:00 / 13:15	Recepção e Agenda	Apresentação dos temas e atividades que serão tratados na aula.

LETRAMENTO VISUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA:
Práticas inovadoras para o ensino e
aprendizagem de Arte

13:15 / 13:35	Atividade 5	Atividade prática em grupo: Laboratório de análise de imagens - Reconhecer nas pinturas (retratos, de diferentes estilos) as subcategorias da metafunção Interativa.
13:35 / 13:50	Apresentação da Atividade 5	
13:50 / 14:20	Apresentação das Categorias de análise de imagens da GVD – Metafunção Interativa (Subcategorias: Contato, Distância Social, Perspectiva e Modalidade)	Exposição dialogada: Apresentação das Categorias e Subcategorias da Gramática do Design Visual - Detalhamento da Metafunção Interativa, definições e apresentação de exemplos.
14:20 / 15:00	Gramática do Design Visual	Exposição dialogada: Apresentação breve das demais metafunções, categorias e subcategorias da GDV e apresentação de exemplos
15:00 / 15:20	Intervalo	
15:20 / 15:40	Atividade 5: Análise de Imagens sob a perspectiva da GVD: Identificação das categorias e subcategorias Laboratório de Análise de Imagens	Atividade prática em grupo: Laboratório de análise de imagens - Os participantes apresentarão pinturas por eles selecionadas, criarão plano de aula com um roteiro de análise de imagens utilizando as categorias da Gramática Visual.
15:40 / 16:25	Roda de Conversa	Letramento Visual na formação de professores de Arte
16:25 / 17:00	Avaliação e Fechamento.	
Recursos utilizados:	Datashow, notebook, caixa de som, celular com acesso à internet, lousa branca, caneta para quadro branco, reproduções de imagens da Arte (pinturas, desenhos ou ilustrações) para análise, formulário para atividade roteiro de análise de imagens, papel vegetal, canetas hidrocor, folhas brancas sulfite A4.	

Fonte: A autora, 2020.

Oficina 3 – Leitura de imagens – Análise utilizando metafunção Interativa

Como já foi dito no capítulo 2, seção 2.2.3, Kress e van Leeuwen (2006) sistematizaram as regularidades apresentadas nas composições imagéticas em categorias e subcategorias que auxiliam na análise semântica das relações de interação entre produtores, espectadores de imagens (PI) e participantes representados (PR) nas pinturas de retratos.

Segundo os teóricos da GDV, as categorias da metafunção Interativa, que tratam das relações entre os diferentes tipos de participantes mediadas pela imagem são classificadas como:

- Contato: Demanda e Oferta
- Distância Social: Íntima/Pessoal, Social e Impessoal
- Atitude: Ângulo e Perspectiva
- Modalidade: Natural, Sensorial, Tecnológica e Abstrata.

Na sequência, uma breve fundamentação sobre cada uma delas:

3.3.1 Contato

Os personagens de uma composição imagética podem ser retratados olhando diretamente para o espectador ou produtor de uma imagem ou podem estar olhando para qualquer lugar fora ou dentro do espaço pictórico sem estabelecer nenhuma interação com quem os estão observando. O PR pode ainda, estar olhando para um outro personagem representado na mesma composição.

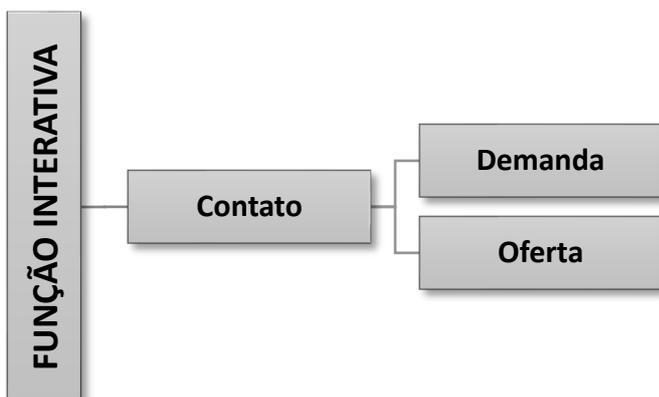
Figura 10 - A troca de olhares entre participantes representados (PR) - Vetores



Fonte: ROCKWELL, N. The Soda Jerk. 1953. (adaptado)

em processo de interação realizado através da imagem, determinam essa categoria da GDV: o contato. Dependendo o olhar do PR, pode caracterizar uma relação de demanda ou de oferta entre PR e PI.

Figura 11 - Subcategorias da Categoria Contato



Fonte: Silva (2016, p.79) (adaptado)

3.3.1.1 Demanda

A relação entre os participantes (produtor, leitor e personagens retratados na imagem) é considerada por Kress e van Leeuwen (2006) de demanda, quando o participante, representado na imagem, olha diretamente para o observador, sugerindo uma interação direta. Esse olhar pode estabelecer uma relação de afinidade, ou até mesmo, de intimidação com o leitor, parecendo ainda requisitar-lhe alguma reação. Este tipo de imagem parece requerer alguma coisa dos seus espectadores, manutenção de distância ou mais intimidade, estabelecendo um falso vínculo social com o participante representado.

Quando os participantes representados fitam o espectador, vetores são formados pelas linhas dos olhos dos participantes, conectando o olhar do PR com o do espectador (PI), estabelecendo um contato, mesmo que, imaginário. Outros recursos podem ser utilizados para reforçar esse elo: um gesto realizado pelo participante representado ou um outro elemento associado a esse participante direcionado para o observador.

Figura 12 - Contato - Demanda



Fonte: BAROLLI, F. Sem título. Série Vendeta: a intifada. 2012.

Podemos observar a utilização desses recursos compositivos, que caracterizam a relação de demanda da categoria contato, nos dois retratos anteriores dos meninos apontando armas de plástico para nós, com olhares agressivos, pintados por Fábio Barolli (2012). Essas pinturas não têm título próprio (sem título) e fazem parte da série “Vendeta: a intifada”. Nessa série, inspirada no conceito de “intifada”, que tem origem árabe e significa “revolta” ou “levante”, o pintor retrata crianças “brincando de guerra”, em

posturas que demonstram claramente violência e hostilidade, camufladas em brincadeiras infantis num cenário doméstico mineiro.

Os olhares das crianças lançados com hostilidade na direção dos espectadores, formam vetores, que são realçados pelo gestual dos meninos apontando armas de brinquedo em nossa direção de forma provocadora, incitando-nos a esboçar alguma reação, revelando que estão em “guerra” entre si e contra os espectadores, caracterizando a relação de demanda.

3.3.1.2 *Oferta*

Quando o olhar do participante representado não está direcionado ao espectador ou ainda quando sua postura parece indiferente ao leitor da imagem, a relação entre esses participantes é considerada de oferta. Nessa subcategoria da metafunção interativa, nenhum contato é estabelecido diretamente entre PI e PR, o observador da imagem fica invisibilizado nessa relação. O PR é contemplado pelo participante interativo e fica disponível para ser observado como se estivesse exposto em uma vitrine.

A escolha entre demanda e oferta será feita de acordo com os interesses do retratista: poderá envolver o espectador e deixar explícita essa interação ou poderá retratar o personagem com olhar e postura indiferentes ao espectador. Em alguns contextos é preferida a imagem de demanda, como em retratos de documentos, na apresentação de notícias em um telejornal, na fotografia de revista posada, situações nas quais se exige maior senso de conexão entre os espectadores e o que os personagens retratados representam. Em outras situações, o produtor da imagem pode preferir que uma barreira invisível seja erguida entre o PR e o PI, como em uma ilustração científica, num drama produzido para televisão ou cinema. Na oferta, o espectador deve ter a ilusão de que os participantes representados não sabem que estão sendo observados.

Podemos perceber a relação de oferta, na pintura “Rest”, a seguir, de Ifarin Sajedi (2019). Nesse retrato a pintora escolhe representar a personagem com uma postura totalmente indiferente a nós, não sugerindo nenhuma interação com os espectadores, somente nos convida a sua contemplação.

Figura 13 - Contato - Oferta



Fonte: SAJEDI, A. Rest. 2019.

Em “Rest”, a personagem parece refletir sobre alguma coisa, que a transfere para um mundo particular, voltada para os seus próprios pensamentos. Sua postura é lânguida e descontraída, como se estivesse num momento de descanso, como sugere o próprio nome da pintura. Como contraponto, podemos destacar suas roupas, a auréola e o cigarro. A auréola e um suposto manto, que lhe atribui um caráter “divino”. Entretanto, o cigarro, a reconecta com o nosso mundo “mundano”. Esses símbolos com significados inversos, torna a imagem ainda mais instigante, uma característica comum dos trabalhos dessa pintora. O cigarro, aparentemente apagado, ainda cria um vetor que direciona o nosso olhar para o rosto da aparentemente alheio da personagem.

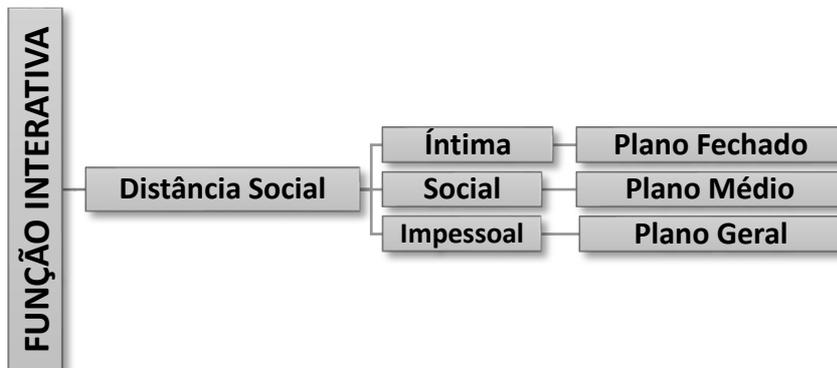
3.3.2 Distância Social

De uma forma similar as relações de demanda e oferta, o enquadramento também pode estabelecer vínculos entre PR e PI. A escolha da distância pode sugerir diferentes tipos de relações entre esses participantes. Se os indivíduos estão próximos fisicamente, ao ponto de poderem se tocar, a relação que estabelecem entre si é pessoal e de intimidade. Quanto mais distante um indivíduo se coloca do outro, mais distante e formal é a relação pessoal que eles têm. Nas representações visuais, os artistas sugerem essa interação através do enquadramento escolhido para representar o personagem: se a imagem for de um detalhe do seu corpo ou do rosto, sugere intimidade; se o seu corpo inteiro e o plano de fundo são representados na imagem, a relação se torna fria e formal.

Na produção de filmes e vídeos, o enquadramento é feito, tomando como referência o corpo humano. A linguagem do cinema e da televisão impuseram um conjunto de planos de corte, que são utilizados na fotografia, no cinema, na televisão, nos vídeos e nas pinturas de retratos: detalhe, primeiríssimo plano, primeiro plano, plano médio curto, plano médio, plano americano e plano geral.

O posicionamento escolhido pelo produtor de imagens para representar o personagem, próximo ou distante do leitor, pode criar vínculos de diferentes teores, como: maior intimidade, sociabilidade ou maior impessoalidade. Essas disposições dos participantes, estabelecendo tais relações, é realizada por meio do tipo de plano escolhido para a representação do personagem na imagem. Existem sete tipos usuais de enquadramentos utilizados na fotografia e no cinema, dos quais, Kress e van Leeuwen (2006), destacam os três mais significativos e a partir deles estruturam as subcategorias da categoria distância social: plano fechado – *close-up* (íntimo), plano médio – *medium shot* (social) e plano aberto – *long shot* (impessoal). O diagrama a seguir destaca as três subcategorias da categoria distância social:

Figura 14- Categoria Distância Social: Subcategorias- Recorte da Síntese das três metafunções de Kress e van Leeuwen (1996, 2006) baseada em Almeida (2009)



Fonte: Silva (2016, p.79) (adaptado)

Nessa subcategoria da GDV, o observador vê o PR bem de perto, em plano fechado (*close-up*), somente uma parte do rosto ou corpo do personagem é mostrada. Esse plano inclui retratar a cabeça e, até no máximo, os ombros do PR, indicando que o PI está bem próximo do PR, sugerindo que eles têm uma relação íntima.

Figura 15 - Íntima/ Pessoal – Plano Fechado



Fonte: Wook, H. Y. Face. 2013

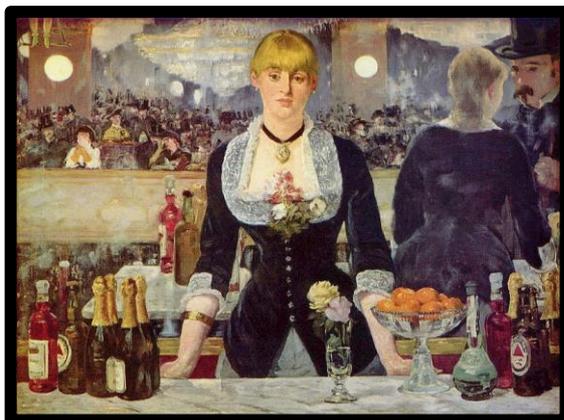
O rosto da mulher foi pintado no retrato, por Han Young Wook (2013), de tão perto que podemos ver, até mesmo, os seus poros, os pelos de suas sobrancelhas e de seus cílios. Esses detalhes só podem ser vistos, quando os participantes envolvidos na ação são íntimos e estão muito próximos um do outro, a uma distância possível de se tocarem. Outro recurso que aumenta a sensação de intimidade na imagem, já foi visto na subcategoria anterior, o olhar penetrante da personagem retratada, cria uma relação de demanda.

3.3.2.2 Social

A visão que o leitor tem do personagem representado é mais impessoal, em plano médio, o participante é representado do joelho para cima (plano americano), e o recorte da imagem pode ainda variar, realizando o enquadramento da cabeça até a linha inferior a cintura do sujeito representado.

Essa distância sugere uma relação com mais formalidade entre os participantes representados e interativos. O produtor da imagem reproduz o personagem com menos detalhes que no plano fechado, mas seus traços, o gestual e as emoções ainda podem ser facilmente reconhecidos. Comparando com uma relação face a face, seria a distância que as pessoas conhecidas se colocam em relação as outras para uma conversa, socialmente respeitável e sem intimidades.

Figura 16 - Distância Social – Social – Plano Médio



Fonte: Manet, E. O bar Folies-Bergère. 1882.

3.3.2.3 Impessoal

A visão que o observador tem do PR é em plano geral, mais ampla, o participante é representado de corpo inteiro, dos pés à cabeça, indicando uma relação impessoal, sem interlocução e distante, na qual os participantes são e devem permanecer estranhos uns aos outros. Nesse enquadramento juntamente com o personagem os elementos do plano de fundo são incluídos na visão do plano geral.

Figura 17 - Distância Social - Impessoal - Plano Aberto



Fonte: Cozza, F. Hagar e Ishmael no Deserto. 1665.

Francesco Cozza retrata na pintura Hagar, Ishmael e o anjo, de corpo inteiro, distantes e indiferentes aos olhares dos participantes interativos, com os quais estabelecem uma relação de oferta. Na distância escolhida pelo pintor, em plano aberto, representa-se, ainda, o plano de fundo, narrando e ambientando a passagem bíblica que se desenrolou no deserto.

As subcategorias da Distância Social são esquematizadas de acordo com os enquadramentos, como pode ser observado a seguir:

Figura 18 - Esquema da relação de Enquadramento, Distância Social e principais características



Fonte: Adaptado GDV (2006). A autora, 2020.

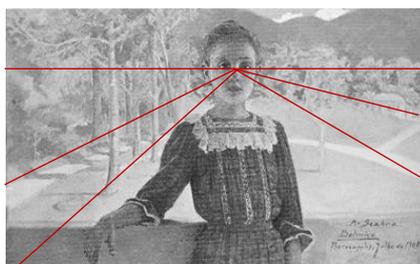
3.3.3 Atitude – Ângulo e Perspectiva

Na criação de um retrato, a atitude subjetiva, que um personagem demonstra, poderá variar de acordo com o ângulo e a perspectiva escolhida pelo artista para retratá-lo. Esses recursos de representação são utilizados pelos produtores de imagens para estabelecerem relações interativas entre PR e PI através das composições imagéticas, além dos já mostrados nas categorias contato e distância social.

Segundo Kress e van Leeuwen (2006, p. 129), “as atitudes subjetivas devem ser entendidas como atitudes determinadas socialmente”, embora no texto imagético sejam codificadas para parecerem ser individuais ou únicas de cada personagem. O ponto de vista ou ângulo com que o personagem é retratado vai lhe conferir subjetividade.

Os estudos da perspectiva desde a Renascença, proporcionaram recursos de representação que possibilitaram aos produtores de imagens organizarem o espaço imagético, incorporando o ponto de vista do qual o espectador vai apreciar os elementos representados, na própria imagem. Determinando, dessa forma, o tipo de interação que o leitor da imagem tem com ela. Esses recursos, embora técnicos e mecânicos, foram socialmente convencionados e naturalizados, como uma maneira de representar a realidade.

Figura 19 - Imagem Subjetiva – utilização de técnicas de perspectiva para representar a realidade



Fonte: Almeida, B. Retrato de Abigail Seabra aos 12 anos. 1900. (adaptado)

Existe outro tipo de representação considerado mais objetivo. Nesse caso, o pintor cria a imagem, preocupando-se somente com o que deseja mostrar dela, sem considerar quem irá observá-la. Portanto, as imagens podem ser apresentadas subjetiva ou objetivamente na cultura ocidental de acordo com os recursos utilizados pelo artista. As imagens subjetivas são aquelas visualizadas de um único ponto de vista imposto pelo produtor da imagem para o PR e ao PI. As objetivas revelam somente o que o produtor retratou na imagem, sem se importar com as convenções estabelecidas pela perspectiva. O que o artista deseja apresentar é o elemento que está representado na imagem de maneira objetiva.

Figura 20 - Imagem Objetiva



Fonte: Silva, D. M. (Djanira). Onírico. 1950.

Na pintura de Djanira, a preocupação da artista foi representar o sonho (ou pesadelo), sem utilizar os recursos da perspectiva. A mulher de olhos fechados, deitada com uma coberta na sua cama, sonhando, compartilha o espaço compositivo com as imagens de seu próprio sonho: sua figura em agonia lutando com o monstro-avião, o fogo se alastrando pela cidade e os momentos de angústia vivenciados no seu sonho. Ficção e realidade se misturam e interagem no mesmo espaço cênico.

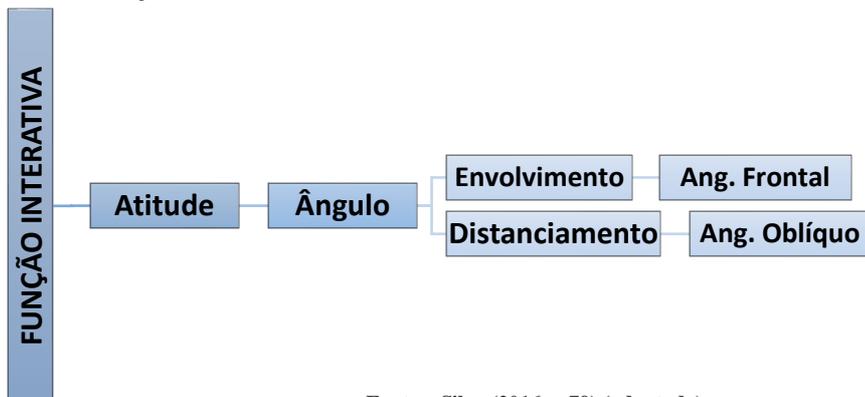
Ângulo: Envolvimento e Distanciamento

Conforme o posicionamento que o artista escolhe para retratar o corpo do PR, estabelecem-se diferentes relações entre PR e PI, que podem ser traduzidas como de maior ou menor envoltura.

A representação desse envolvimento vai variar de acordo com o posicionamento do personagem, considerando como se ele estivesse girando em torno de um eixo vertical, originando, dessa forma, três posições referenciais: de frente, de lado e de costas.

Quando o produtor da imagem retrata o PR totalmente de frente, no ângulo frontal, estabelece um envolvimento maior com observador. À medida que o personagem vai sendo “girado” pelo artista na composição imagética consequentemente o distanciamento entre PR e PI vai aumentando. Na sequência, subcategorias da categoria atitude/ângulo:

Figura 21 - Categoria Atitude: Ângulo - Subcategorias- Recorte da Síntese das três metafunções de Kress e van Leeuwen (1996, 2006) baseada em Almeida (2009)



Fonte – Silva (2016, p.79) (adaptado)

Assim, a categoria atitude/ângulo traduz maior envolvimento quando o personagem é retratado em ângulo frontal e maior distanciamento quando PR é posicionado de costas para o PI.

Figura 22 - Ângulo / Atitude



20A⁴ - Frontal



20B⁵ - Oblíquo



20C⁶ - Posterior

⁴ Figura 20A (Ângulo Frontal: maior envolvimento). Fonte: Coubert, G. O homem desesperado (autorretrato). 1843.

⁵ Figura 20B (Ângulo oblíquo: menor envolvimento). Fonte: Oliveira, E. Rosa-marrom. 2015.

⁶ Figura 20C (De costa para o observador: maior distanciamento). Fonte: Dalí, S. Figura na janela. 1925.

3.3.3.2 Perspectiva – Ponto de Vista

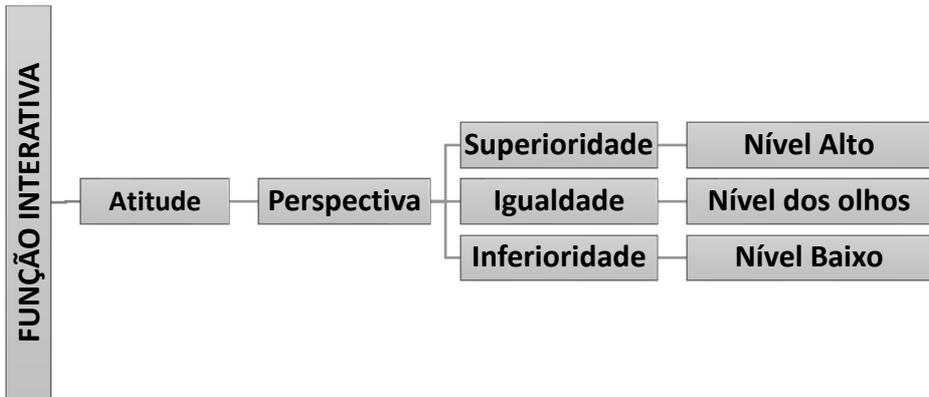
O PR também pode ser representado em diferentes níveis, tomando como referência um eixo horizontal: em nível superior, nível dos olhos e nível inferior.

De acordo com o ponto de vista que o PI observa o PR podem ser sugeridas relações poder, igualdade e dominação na relação entre ambos.

Quando o ângulo escolhido pelo artista para retratar o PR corresponde com a linha dos olhos do observador, sugere uma relação de igualdade entre PR e PI. Se a escolha for posicionar o PR em um ângulo acima da linha dos olhos do leitor da imagem, o participante representado vai parecer exercer poder sobre o PI. Representando o participante na imagem, abaixo da linha dos olhos do observador, a sugestão será de que o observador tem poder sobre o participante representado.

Dessa forma a categoria Perspectiva apresenta as seguintes subcategorias:

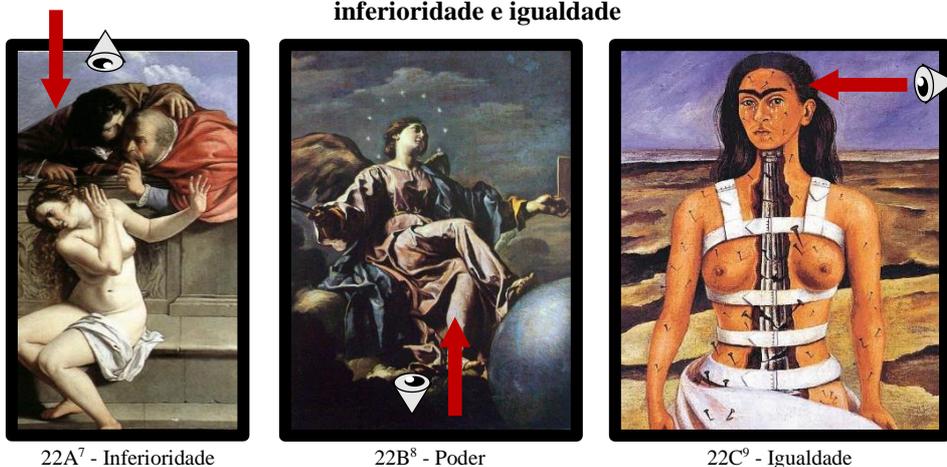
Figura 23 - Categoria Atitude: Perspectiva - Subcategorias- Recorte da Síntese das três metafunções de Kress e van Leeuwen (1996, 2006) baseada em Almeida (2009)



Fonte – Silva (2016, p.79) (adaptado)

Podemos constatar as relações tratadas nessa categoria nos seguintes exemplos:

Figura 24 - Relações da Categoria Atitude/Perspectiva: Poder, inferioridade e igualdade



3.3.4 Modalidade

Nessa categoria da metafunção Interativa da GDV, se leva em consideração o quanto uma imagem pode ser percebida como verdadeira. Segundo Kress e van Leeuwen (2006, p. 155), modalidade é “o valor de verdade ou credibilidade que uma informação pode passar do mundo”.

Dessa forma, quanto maior for o grau de fidedignidade de uma imagem, mais verdadeira ela se tornará para o espectador que interage com ela. De acordo com Kress e van Leeuwen (2006, p. 155-156), a teoria da Semiótica Social não pretende estabelecer se as representações são verdadeiras ou inverídicas. Do ponto de vista da Semiótica Social, a verdade é uma construção semiótica e, como tal, a verdade de um determinado grupo social surge dos seus valores e crenças.

Segundo os autores da GDV, a modalidade é interativa porque um grupo social pode considerar uma representação como uma verdade absoluta e outro não, dependendo dos padrões culturais e históricos convencionados por cada grupo.

⁷ Figura 22A – PR representado abaixo do nível dos olhos do PI: relação de inferioridade. **Fonte: Gentileschi, A. Suzana e os anciões. 1610.**

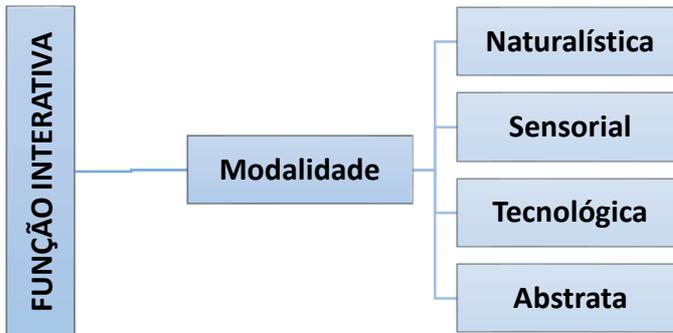
⁸ Figura 22B – PR representado acima do nível dos olhos do PI: relação de superioridade. **Fonte: Cozza, F. Urânia ou Alegoria da Astronomia. 1660-70.**

⁹ Figura 22C – PR representado no nível dos olhos de PI: relação de igualdade. **Fonte: Khalo, F. Coluna partida. 1944.**

Segundo Paiva (2009) são os recursos de modalidade escolhidos pelo artista para criar uma imagem, como o detalhamento ou representação, a cor (saturação, diferenciação de cor, modulação), a contextualização (presença ou não de fundo na imagem), o brilho e a iluminação que vão conferir verdade e confiabilidade ou não na imagem representada. As fotografias coloridas, as pinturas realistas e hiper-realistas apresentam maior modalidade do que fotos preto e branco, pinturas abstratas, expressionistas, desenhos, entre outros.

As subcategorias da categoria modalidade são:

Figura 25 - Categoria Modalidade e suas subcategorias



Fonte – Silva (2016, p.79) (adaptado)

Uma vez apresentadas as subcategorias no diagrama, passamos a falar um pouco mais de cada uma delas:

Modalidade naturalística – corresponde ao que é considerado como o padrão de realidade por um determinado grupo. Como já mencionado, as fotografias coloridas e vídeos são dados como parâmetros de realidade.

Modalidade sensorial - orientada pelo senso estético, pelo prazer e pela sensação de bem estar sentido ao visualizar uma imagem. Cores vibrantes e saturadas conferem alta modalidade sensorial as imagens. Esse tipo de modalidade é bastante utilizado na moda, na decoração, na propaganda e em certos tipos de arte, como pinturas hiper-realistas.

Modalidade tecnológica – nessas representações, os elementos são desenhados de forma esquemática nos contextos tecnológicos. Segundo os autores da GDV, os “meios reais são conhecidos por meio dos métodos da ciência” (KRESS E VAN LEEUVEN, 2006, p. 164). O padrão do real de um desenho técnico, sem cor, sem textura, sem luz e sombra, sem perspectiva pode ter modalidade mais alta, dependendo do entendimento do seu leitor.

Modalidade abstrata - se relaciona a manifestações pictóricas da arte. A sua percepção é mais individualizada; depende dos recursos utilizados pelo artista para produzir a obra de arte e dos conhecimentos artísticos de seu leitor.

Figura 26 - Subcategorias da Modalidade



24A¹⁰ - Naturalística

24B¹¹ - Sensorial

24C¹² - Tecnológica

24D¹³ - Abstrata

Assim, vistas brevemente as categorias e as subcategorias da metafunção Interativa da GDV, o objetivo desta atividade é analisar a estrutura composicional e temática das imagens selecionadas, utilizando a fundamentação teórica da GDV para identificar quais categorias e subcategorias dessa metafunção estão presentes nessas imagens.

Após a análise da imagem escolhida por cada grupo, os cursistas irão preencher o seguinte formulário distribuído para os grupos:

Metafunção	Categorias	Subcategorias	
INTERATIVA (Relações entre participantes – estratégias de aproximação e de afastamento para com o leitor)	Contato	Demanda(solicita uma resposta)	
		Oferta (sem contato)	
	Distância Social	Íntima/pessoal	
		Social	
		Impessoal	
	Atitude / Perspectiva / Ponto de Vista	Envolvimento	
		Destaque	
		Visão de Poder	
		Igualdade	
			Poder Partic. Repres.

¹⁰ Figura 24A – Modalidade Naturalística na pintura do autorretrato hiper-realista de Robin Eley. Fonte – Eley, R. Autorretrato. 2009.

¹¹ Figura 24B – Modalidade Sensorial no retrato expressionista de Madame Matisse. Fonte – Matisse, H. Retrato madame Matisse. 1905.

¹² Figura 24C – Ilustração científica de Margareth Mee. Fonte – Mee, M. Pitcairnia flammea. 1958.

¹³ Figura 24D – Modalidade Abstrata na pintura cubista de Pablo Picasso. Fonte – Picasso, P. Busto de mulher com chapéu com flores. 1942.

		da Gramática do Design Visual
	Questionário de Avaliação	
Espaço de interação	Interação e comunicação	Espaço para interação e compartilhamento de materiais e atividades realizadas nos encontros presenciais
Biblioteca	Arquivos e referências	Referencial teórico de Semiótica Social, Gramática do Design Visual, Letramento Visual, Multimodalidade

Fonte: A Autora, 2020.

O ambiente virtual tem como objetivo ampliar as possibilidades de interação entre os cursistas, disponibilizar materiais e referências sobre a temática abordada no curso e ainda oferecer atividades de fixação sobre leitura de imagens, letramento visual e a Gramática do Design Visual, com ênfase na metafunção Interativa.

É importante, principalmente no primeiro encontro presencial, passar as informações de acesso ao ambiente virtual, para que a partir do final do primeiro encontro, os alunos já tenham acesso ao material das aulas e as atividades virtuais. O acesso ao ambiente é feito com o e-mail fornecido pelos alunos.

Na sequência, imagens da página do ambiente virtual do curso oferecido na coleta de dados da pesquisa que originou esse produto educacional.

Este conteúdo foi disponibilizado na Horário.NET, no período entre 31 de outubro a 30 de novembro de 2019.

Figura 27 – Páginas do Curso no ambiente virtual

The screenshot displays the user interface of the virtual course environment. At the top left, the logo 'AVA-RJ' and 'HORÁRIO NET' are visible. The user's name 'ANDREA LUNALVES' is shown in the top right corner. A dark sidebar on the left contains a 'MINIMIZE MENU' button and a list of navigation options: 'Práticas inovadoras para o ensino e aprendizagem de Arte', 'Participantes', 'Emblemas', 'Competências', 'Notas', 'Página Inicial', 'Painel', 'Calendário', 'Arquivos privados', and 'Meus cursos'. The main content area is titled 'Letramento Visual na Educação Básica: Práticas inovadoras para o ensino e aprendizagem de Arte'. Below the title, there are tabs for 'Página inicial', 'Meus cursos', and 'Práticas inovadoras para o ensino e aprendizagem de Arte'. A search bar indicates 'Ads by Google' with filters for 'Número virtual', 'Virtual class', and 'Rio de Janeiro'. The main heading is 'INTRODUÇÃO - INFORMAÇÕES E PROGRAMAÇÃO'. An illustration of a human head with a brain and a hand holding a small object is shown. The text reads: 'Sejam muito bem-vindo(a)s prezado(a)s colegas!', 'Este é o ambiente virtual do Mestrado "Letramento na Educação Básica: Práticas inovadoras para o ensino e aprendizagem de Arte"', and 'Fique atento a nossa programação:'. A list of events follows: 'Três encontros presenciais (12 horas):' with dates 'Quinta-feira, 31 de outubro de 2019 (já realizado)', 'Quinta-feira, 07 de novembro de 2019', and 'Quinta-feira, 14 de novembro de 2019'; and 'Ambiente Virtual (8 horas), início no dia 18 de outubro.'

Introdução. Fonte: A Autora, 2019.

The screenshot displays the user interface of the virtual course environment, showing the activities page. The top navigation and user information are consistent with the previous screenshot. The sidebar on the left is also visible. The main content area is titled 'ATIVIDADE 1 - INTERATIVIDADE'. An illustration shows four orange stick figures standing on a blue path made of puzzle pieces. The text reads: 'Vamos nos conhecer um pouco melhor?', 'Os cursos são importantes lugares de interação, no qual pessoas com interesses profissionais comuns se reúnem. Infelizmente, nosso tempo é muito curto e intenso pela quantidade de informações e pelas importantes trocas do grupo. Vamos aproveitar esse espaço e falar um pouco mais sobre cada um de nós?', and 'Fale um pouco mais sobre o que faz, o que espera encontrar no curso, pontos relevantes de nossas discussões no encontro presencial...'. Below the text, there is a list of links: 'Fórum de Apresentação', 'Introdução', and 'Aula 1 - Leitura de Imagem - Abordagens'.

Atividades. Fonte: A Autora, 2019.

LETRAMENTO VISUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: Práticas inovadoras para o ensino e aprendizagem de Arte

AVA-RJ
HORÁRIO NET ▾

1

ANDREA ALLUNA ALVES ▾

MINIMIZE MENU

- ☰ Práticas inovadoras para o ensino e aprendizagem de Arte
- 👤 Participantes
- 🏆 Emblemas
- 📌 Competências
- 📄 Notas
- 🏠 Página Inicial
- 📊 Painel
- 📅 Calendário
- 📁 Arquivos privados
- 👤 Meus cursos
- ☑ Práticas inovadoras para o ensino e aprendizagem de Arte

ATIVIDADE 2



ATENÇÃO!!! Esta atividade só estará disponível em 8 de novembro de 2019

Poema do Letramento Visual

Vamos dividir com os colegas as atividades que realizamos em sala!

Poste aqui o seu poema sobre o letramento visual. Você pode enviar documentos .doc, .jpg, a sua escolha! Só fique atento ao tamanho do arquivo de imagem (máximo: 500 kb)

- Poema do Letramento Visual
- CHONG-KM, O que é letramento?
- O que é letramento - atividade
- Aula 2 - Slides

Atividades. Fonte: A Autora, 2019.

AVA-RJ
HORÁRIO NET ▾

1

ANDREA ALLUNA ALVES ▾

MINIMIZE MENU

- ☰ Práticas inovadoras para o ensino e aprendizagem de Arte
- 👤 Participantes
- 🏆 Emblemas
- 📌 Competências
- 📄 Notas
- 🏠 Página Inicial
- 📊 Painel
- 📅 Calendário
- 📁 Arquivos privados
- 👤 Meus cursos
- ☑ Práticas inovadoras para o ensino e aprendizagem de Arte

ATIVIDADE 3

ATENÇÃO!!! Esta atividade só estará disponível em 9 de novembro de 2019

Atividade prática de análise de imagens a partir de um roteiro baseado nos **significados interativos** da imagem.



ATIVIDADE 4

ATENÇÃO!!! Esta atividade só estará disponível em 9 de outubro de 2019.

Plano de Atividade utilizando a **metafunção interativa** e suas categorias, da Gramática do Design Visual (de 14 a 30 de novembro)

- Plano de Atividade - Função Interativa
- Modelo de Plano de Atividade
- Apresentação Aula 14 de novembro

AVALIAÇÃO

Questionário de Avaliação

Obrigada pela sua participação. Ela é muito importante.

Foi muito gratificante compartilhar esses momentos com vocês. Responda por favor, este questionário, [clcando aqui](#).

Atividades. Fonte: A Autora, 2019.

AVA-RJ HORÁRIO NET

MINIMIZE MENU

Práticas Inovadoras para o ensino e aprendizagem de Arte

Participantes

Emblemas

Competências

Notas

Página Inicial

Panel

Calendário

Arquivos privados

Meus cursos

Práticas Inovadoras para o ensino e aprendizagem de Arte

Questionário de Avaliação

Obrigada pela sua participação. Ela é muito importante.

Foi muito gratificante compartilhar esses momentos com vocês. Responda por favor, este questionário, clicando aqui.

BIBLIOGRAFIA

BAMFORD, The Visual Literacy White Paper

Livro Reading Images

PILLAR_A Lettura da Imagem

MANTER CONTATO

Horário Net

<http://horarionet.com>

ORGULHOSAMENTE FEITO COM moodle

Este tema foi desenvolvido por moodle.org

Atividades. Fonte: A Autora, 2019.

As atividades propostas para o ambiente se encontram descritas no quadro 6. Como atividade final foi proposta no ambiente virtual a elaboração de um plano de atividade, utilizando as categorias e subcategorias da metafunção Interativa da GDV para que os alunos tenham a possibilidade de elaborarem uma atividade para os seus alunos utilizando o aporte teórico oferecido pelo curso.

Para realização da atividade, também foi disponibilizado o formulário exibido na sequência para auxiliar os cursistas na sua execução. Pede-se, que juntamente com o plano de atividade desenvolvido pelo aluno, se enviem as referências da imagem utilizada para a análise.



**MINICURSO “O LETRAMENTO VISUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA:
PRÁTICAS INOVADORAS PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE ARTE”**

PLANEJAMENTO DE ATIVIDADE

PÚBLICO ALVO:
TEMA:
PROFESSOR (A):
TEMPOS/DURAÇÃO:

OBJETIVO PRINCIPAL:

ÁREAS DE CONHECIMENTO ENVOLVIDAS:

OUTROS OBJETIVOS:

AVALIAÇÃO:

TEMPO ESTIMADO	ETAPAS	OBJETIVOS DAS ETAPAS	PROCEDIMENTOS	PADRÕES DE INTERAÇÃO	MATERIAIS

IMAGENS

--

REFERÊNCIAS

--

Fonte: Coimbra (2018) adaptado

4 Referências

ALBUQUERQUE, L. Cabeça de Homem. **Levy Leiloeiro**. 1877-1939. Disponível em: <<https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=330883>> Acesso em: 10 jan. 2020.

ALMEIDA, B. A tagarela. In: Enciclopédia **Itaú Cultural**. 1893. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3269/a-tagarela>>. Acesso em: 30 out 2019.

ALMEIDA, B. Abigail Seabra aos 12 anos de idade. **Wikipedia**. 1900. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Belmiro_de_Almeida_-_Retrato_de_Abigail_Seabra_aos_12_Anos_de_Idade.jpg>. Acesso em 10 set. 2019.

ALMEIDA JÚNIOR, B. O caipira picando fumo. **Wikipedia**. 1893. Disponível em: <[https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Almeida_J%C3%BAnior_-_Caipira_Picando_Fumo_\(Estudo,_1893\).jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Almeida_J%C3%BAnior_-_Caipira_Picando_Fumo_(Estudo,_1893).jpg)>. Acesso em 25 out. 2019.

AMARAL, T. Segunda Classe. In: Enciclopédia **Itaú Cultural**. 1933. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2484/2a-classe>>. Acesso em: 18 out. 2019.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**. Uma psicologia da visão criadora. 2 ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora. 1980.

BAMFORD, Anne. The Visual Literacy White Paper, a report commissioned for Adobe Systems Pty Ltd. Australia. Retrieved April, v. 1, p. 2007, 2003.

BARBOSA, Ana Mae T. B. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva. 2014.

_____. (org.). **Arte-educação: leitura no subsolo**. 9 ed. São Paulo: Cortez. 2013.

BARBOSA, Vânia Soares; ARAÚJO, Antônia Dilamar. Multimodalidade e Letramento Visual: um estudo piloto de atividades de leitura disponíveis em sítio eletrônico. **Revista da ANPOLL**, Florianópolis, v. 1, n. 37, p. 17-36, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/289939306_MULTIMODALIDADE_E_LETRAMENTO_VISUAL_UM_ESTUDO_PILOTO_DE_ATIVIDADES_DE_LEITURA_DISPONIVEIS_EM_SITIO_ELETRONICO>. Acesso: 15 fev. 2019.

BAROLI, F. Gênese 3. Série Meu matuto predileto. **Prêmio Pipa**. A janela para a arte contemporânea. 2013. Disponível em: <<https://www.premiopipa.com/pag/fabio-baroli/>> Disponível em: 18 out. 2019.

_____. Onde os urubu tão. Série Muito pelo contrário. **Prêmio Pipa**. A janela para a arte contemporânea. 2014. Disponível em: <<https://www.premiopipa.com/pag/fabio-baroli/>> Disponível em: 18 out. 2019.

_____. Sem título. Selfie de P... In: **Catálogo das Artes**. 2014. Disponível em: <<https://www.catalogodasartes.com.br/obra/PGGccz/>>. Acesso em: 18 out. 2019.

_____. Sem título. Série Vendeta: a intifada. Catálogo Vendeta: a intifada. **ISSUU**. 2013. Disponível em: <https://issuu.com/fabiobaroli/docs/vendeta_a_intifada_f_bio_baroli_ca>. Acesso em 10 jan.2020.

BEZEMER, J.; C. JEWITT. Social Semiotics. In: ÖSTMAN, Jan-Ola; VERSCHUEREN, Jef; VERSLUYS, Eline (eds). **Handbook of Pragmatics**: 2009. Amsterdam: John Benjamins, 2009. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/286459229_Social_Semiotics>. Acesso em 11 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível Em: < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 26 out. 2019.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Arte. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf> >. Acesso em: 10 jan. 2019.

COIMBRA, A. M. Minicurso: Perspectivas teóricas e práticas em Multiletramentos e Multimodalidade na Escola Básica. 2018. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

COUBERT, G. O homem desesperado (autorretrato). **Wikipedia**. 1843. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Gustave_Courbet_auto-retrato.jpg > Acesso em: 10 set. 2019.

COZZA, F. Hagar e Ishmael no Deserto. **Wikimedia Commons**. 1665. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Francesco_Cozza_001.jpg>. Acesso em: 10 set. 2019.

_____. Urânia ou Alegoria da Astronomia. **Spencer Alley**. 1660-70. Disponível em: < <http://spenceralley.blogspot.com/2019/03/francesco-cozza-1605-1682-rome.html>>. Acesso em: 10 set. 2019.

DALI, S. Figura na janela. **Vírus da Arte & Cia**. 1925. Disponível em: < <https://virusdaarte.net/dali-figura-na-janela/> >. Acesso em: 10 set. 2019.

DONDIS, Donis. **A sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fortes. 1991.

ELEY, R. Autorretrato. **Arcadja**. Auction Results. 2009. Disponível em: < http://www.arcadja.com/auctions/pt/eley_robin/artist/404086/>. Acesso em: 14 set. 2019.

FERNANDES, José D. C. **Processos linguísticos no cartaz de guerra**: semiótica e gramática do design visual. 2009. Dissertação (Doutorado em Linguística) – Universidade

Federal da Paraíba. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Linguística. João Pessoa, 2009.

GENTILESCHI, A. Suzana e os anciões. **Wikiart**. Enciclopédia de Artes Visuais. 1610. Disponível em: < <https://www.wikiart.org/pt/artemisias-gentileschi/suzana-e-os-ancioes-1610>>. Acesso em 10 set. 2019.

HOUSEN, Abigail. Art viewing and aesthetic development: Designing for the viewer. **From periphery to center: Art museum education in the 21st century**, v. 172, p. 179, 2007.

JEWITT, Carey. [MULTIMODALITY]. In. **Glossary of multimodal terms**. Mode, 2012. Disponível em: <<https://multimodalityglossary.wordpress.com/multimodality/>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

JEWITT, Carey, OYAMA, Rumiko. Visual meaning: social semiotic approach. In: VAN LEEUWEN, Theo; JEWITT, Carey. **The handbook of Visual Analysis**. London: Sage Publications, p. 134-157, 2001.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic: The social interpretation of a language and meaning**. London: Edward Arnold. 1978.

_____. **An Introduction to Functional Grammar**. 2ª ed. London: Edward Arnold. 1994.

HODGE, R; KRESS, G. **Social Semiotics**. Nova York: Cornell University Press. 1988.

ALVES, Andrea S. Letramento Visual na Educação Básica: Práticas inovadoras para o Ensino e aprendizagem de Arte. **Horário Net**. Ambiente Virtual de Aprendizagem. Disponível em: < <http://ava-rj.horarionet.com/course/view.php?id=417>>. Acesso em: 7 nov. 2019.

KHALO, F. Coluna Partida. **Wikiart**. Enciclopédia de Artes Visuais. 1944. Disponível em: < <https://www.wikiart.org/pt/frida-kahlo/the-broken-column-1944>>. Acesso em 10 set. 2019.

KAZMIERCZAK, Elzbieta T. A semiotic perspective on aesthetic preferences, visual literacy, and information design. **Information Design Journal**, Netherlands, v. 10, n. 2, p. 176-187, 2000/2001.

KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1995. P. 104-158.

KRESS, Gunther Rolf. **Multimodality: A Social Semiotic Approach to Contemporary Communication**. London: Routledge, 2010.

KRESS, Gunther Rolf; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images: The grammar of visual design**. 2.ed. London: Routledge, 2006.

MANET, E. Um Bar em Folies-Bergère. **Wikipedia**. 1882. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Um_Bar_no_Folies-Berg%C3%A8re>. Acesso em: 10 set. 2019.

MATISSE, H. Retrato de madame Matisse. **Adelaide Morgado Aquarelas**. 1905. Disponível em: < <https://petitscoquelicots.wordpress.com/2015/05/01/retrato-de-madame-matisse-1905-linha-verde/>>. Acesso em: 10 set. 2019.

MEE, M. Pitcairnia Flammea. Ilustração. **Colecionadores de Ossos**. 1958. Disponível em: < <http://scienceblogs.com.br/colecionadores/2017/04/ilustrando-ciencia-a-historia-da-ilustracao-cientifica/margaret-mee-1958/> >. Acesso em 5 mar. 2020.

OLIVEIRA, E. Rosa-marrom. **Éder Oliveira**. 2015. Disponível em: < <http://www.ederoliveira.net/obras#28>>. Acesso em 10 set. 2019.

OSTROWER, Fayga. **Universos da arte: revisão técnica: Nomi Ostrower**. 1 ed. Campinas: SP. Editora Unicamp. 2013.

OTT, R. W. **Art in education: an international perspective**. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press. 1984.

PAULA, Daniele R. Leitura de imagens na prática pedagógica. **Dia a dia Educação**. Secretaria de Educação do Estado do Paraná. 2009. Disponível em: < <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1577-8.pdf> >. Acesso em 18 ago. 2019.

PAIVA, Francis A. **A leitura de infográficos da revista Superinteressante: procedimentos de leitura e compreensão**. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

PELLEGRINI, Denise; FEVORINI, Fabiana. Letramento de verdade. **Nova Escola**. 2001. Disponível em: < <https://novaescola.org.br/conteudo/2601/letramento-de-verdade>>. Acesso em 2 set. 2019.

PICASSO, P. Busto de mulher com chapéu e flores. **7GRAUS**. 1942. Disponível em: < <https://www.culturagenial.com/as-obras-essenciais-para-compreender-pablo-picasso/>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

PROCÓPIO, Renata Bittencourt; DE SOUZA, Patrícia Nora. Letramento visual no ensino-aprendizagem de vocabulário em língua estrangeira. **The ESpecialist**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 93-118, 2010. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/6241/0>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

ROCKWELL, N. The Soda Jerk. **WIKIART** - Enciclopédia de Artes Visuais. 1953. Disponível em: <<https://www.wikiart.org/pt/norman-rockwell/fount>>. Acesso em: 10/12/2019.

ROSSI, Maria Helena W. **Imagens que falam:** leitura da arte na escola. 4.ed. Porto Alegre: Mediação, 2009. (Coleção Educação e Arte; v.2)

SAJEDI, A. Chef Offer. **Artsy**. 2014. Disponível em: <<https://www.artsy.net/artwork/afarin-sajedi-chef-offer-2>>. Acesso em: 10 set. 2019.

_____. Rest. **Artsy**. 2019. Disponível em: <<https://www.artsy.net/artwork/afarin-sajedi-rest>>. Acesso em: 10 set. 2019.

SANTAELLA, Lúcia. **Como eu ensino:** Leitura de Imagens. São Paulo: Editora Melhoramentos. 2012.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried . **Imagem** – Cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras. 1997.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SILVA, D. M. Onírico. **Folha de São Paulo**. 1950. Disponível em: <<https://guia.folha.uol.com.br/exposicoes/2019/02/com-djanira-masp-inicia-programacao-com-foco-no-feminismo.shtml>>. Acesso em 10 set.2019.

SILVA, Maria Zenaide V. **O letramento multimodal crítico no Ensino Fundamental:** investigando a relação entre a abordagem do livro didático de língua inglesa e a prática docente. 2016. Dissertação (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

SILVA, Monica Maria P; ALMEIDA, Daniele B. L. Linguagem Verbal, Linguagem Verbo-Visual: Reflexões teóricas sobre a perspectiva Sócio-Semiótica da Linguística Sistemico Funcional. **Odisséia**, Natal, v.3, n.1, p. 36-56, jan-jul, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufm.br/odisseia/article/view/12686/9161>>. Acesso em: 3 mar. 2019.

WELSH, Teresa; WRIGHT, Melissa. **Media literacy and visual literacy in Information literacy in the digital age**. 2010. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/topics/computer-science/visual-literacy>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

WILEMAN, Ralph. E. **Visual communicating**. Englewood Cliffs: Educational Technology Publications. 1993.

WOOK, H. Y. Face. **Corridor Contemporary**. 2013. Disponível em: < <https://corridorcontemporary.com/collection/han-young-wook/> >. Acesso em: 10 dez. 2019.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman Editora, 2005.

5 Apêndice – Pinturas de retratos para serem utilizadas no curso



DEBRET, J. B. Retrato de D. João VI. 1817.



EYCK, J. O homem de turbante vermelho. 1433.



PORTO ALEGRE, M. A. D. Pedro I. 1826.



FLAGG, J. M. Uncle Sam. "I want you for U.S. Army". 1917.



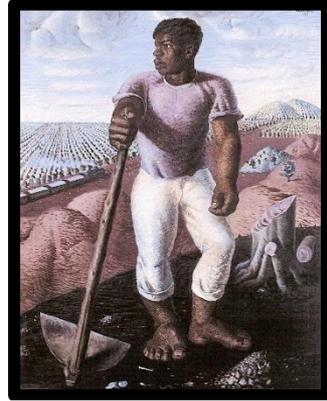
AMARAL, T. Operários. 1933.



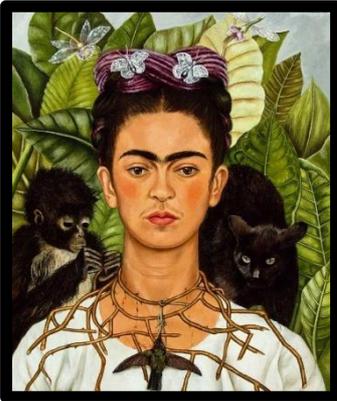
PORTINARI, C. Café. 1935.



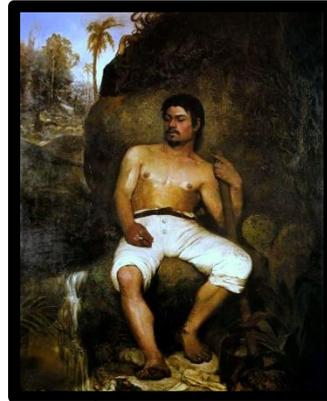
AMARAL, T. Abapuru. 1928.



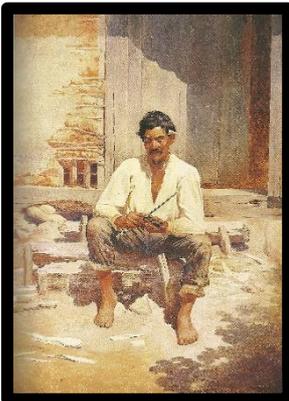
PORTINARI, C. O lavrador de café. 1934.



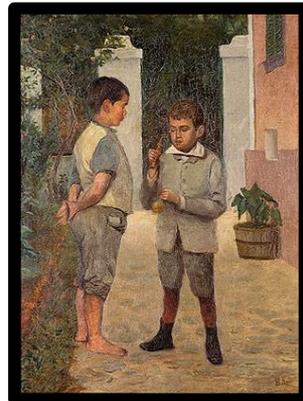
KHALO, F. Autorretrato com colar de espinhos. 1940.



ALMEIDA JÚNIOR, J. F . O derrubador brasileiro. 1875.



ALMEIDA JUNIOR, J. F. O caipira picando fumo. 1893.



ALMEIDA, B. Dois meninos jogando bilboquê. 1935.

LETRAMENTO VISUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA:

Práticas inovadoras para o ensino e aprendizagem de Arte



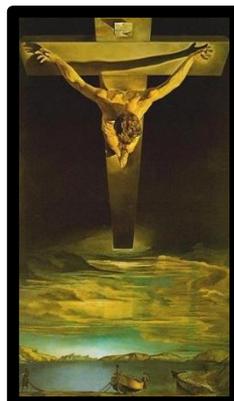
RENOIR, P. A. Os guarda-chuvas. 1880.



EYCK, J. Retrato de Arnolfini. 1434.



DALI, S. Ascensão de Cristo. 1958.



DALI, S. Cristo de São João da Cruz. 1951.



GONZALÈS, E. O camarote. 1874.



ANDRADE, A. Autorretrato de Abigail de Andrade. Um canto do meu ateliê. 1664.

Referências das Pinturas do Apêndice

ANDRADE, A. Autorretrato de Abigail de Andrade. Um canto do meu ateliê. **Guia das Artes**. 1664. < <https://www.guiadasartes.com.br/abigail-de-andrade/obras-e-biografia>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

ALMEIDA, B. Dois meninos jogando bilboquê. In: Enciclopédia: **Itaú Cultural**. 1935. Disponível em: < <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra6396/dois-meninos-jogando-bilboque>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

ALMEIDA JÚNIOR, J. F. O derrubador brasileiro. **Wikipedia**. 1875. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Almeida_J%C3%BAnior_-_O_Derrubador_Brasileiro.jpg>. Acesso em: 18 ago. 2019.

_____. O caipira picando fumo. **Wikipedia**. 1893. Disponível em: < [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Almeida_J%C3%BAnior_-_Caipira_Picando_Fumo_\(Estudo,_1893\).jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Almeida_J%C3%BAnior_-_Caipira_Picando_Fumo_(Estudo,_1893).jpg)>. Acesso em: 18 ago. 2019.

AMARAL, T. Abaporu. **Wikipedia**. 1928. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Abaporu>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

_____. Operários. In: Enciclopédia: **Itaú Cultural**. 1933. Disponível em: < <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1635/operarios>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

DALI, S. Ascensão de Cristo. **Isso Compensa**. 1958. Disponível em: < <http://issocompensa.com/arte/a-ascensao-de-cristo-salvador-dali-1958>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

_____. Cristo de São João da Cruz. **Wikipedia**. 1951. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Cristo_de_S%C3%A3o_Jo%C3%A3o_da_Cruz>. Acesso em: 18 ago. 2019.

DEBRET, J. B. Retrato de D. João VI. **Wikipedia**. 1817. Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Jean-Baptiste_Debret_-_Retrato_de_Dom_Jo%C3%A3o_VI_\(MNBA\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Jean-Baptiste_Debret_-_Retrato_de_Dom_Jo%C3%A3o_VI_(MNBA).jpg)>. Acesso em: 18 ago. 2019.

EYCK, J. O homem de turbante vermelho. **Wikipedia**. 1433. Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Retrato_de_Homem_\(Autorretrato%3F\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Retrato_de_Homem_(Autorretrato%3F))>. Acesso em: 18 ago. 2019.

_____. Retrato de Arnolfini. **Wikipedia**. 1434. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Casal_Arnolfini>. Acesso em: 18 ago. 2019.

FLAGG, J. M. Uncle Sam. “I want you for U.S. Army”. **Wikipedia**. 1917. Disponível em: < <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Unclesamwantyou.jpg>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

GONZALÈS, E. O camarote. **WikiArt**. Enciclopédia das Artes Visuais. 1874. Disponível em: < <https://www.wikiart.org/fr/eva-gonzales/une-loge-aux-italiens-1874>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

KHALO, F. Autorretrato com colar de espinhos. **Farejando Arte**. 1940. Disponível em: < <http://www.farejandoarte.com.br/p/autorretrato.html>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

PORTINARI, C. Café. Enciclopédia: **Itaú Cultural**. 1935. Disponível em: < <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1951/cafes>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

_____. O lavrador de café. **MASP**. 1934. Disponível em: < <https://masp.org.br/acervo/obra/o-lavrador-de-caffe>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

PORTO ALEGRE, M. A. D. Pedro I. **Wikipedia**. 1826. Disponível em: < <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Araujo-dpedroI-MHN.jpg>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

RENOIR, P. A. Os guarda-chuvas. **Wikipedia**. 1880. Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Guarda-chuvas_\(Renoir\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Guarda-chuvas_(Renoir))>. Acesso em: 18 ago. 2019.